

ANA PAULA SOARES DA MOTA

**PEDAGOGIA FREINET EM ESCOLAS DA REDE
PÚBLICA:
OS DESAFIOS DE ANDAR NA CONTRAMÃO**

Campinas, 2012

ANA PAULA SOARES DA MOTA

**PEDAGOGIA FREINET EM ESCOLAS DA REDE
PÚBLICA:
OS DESAFIOS DE ANDAR NA CONTRAMÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência para o curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, sob orientação do Prof. Luiz Carlos de Freitas.

Campinas, 2012

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

M856p

Mota, Ana Paula Soares da, 1989-
Pedagogia Freinet em escolas da rede pública: os
desafios de andar na contramão / Ana Paula Soares da
Mota. – Campinas, SP: [s.n.], 2012.

Orientador: Luiz Carlos de Freitas.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) –
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Educação. 2. Freinet, Método de educação. 3.
Escolas públicas. 4. Desafios da educação. 5.
Possibilidade. I. Freitas, Luiz Carlos de, 1947- II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Educação. III. Título.

12-143-BFE

Agradecimentos

Chega o momento da realização de mais um sonho. Sonho este que começou a ser realizado desde o momento dos estudos para as provas do vestibular. Sonho este que foi realizado coletivamente, com o apoio e ajuda de muitas pessoas que fazem parte dessa caminhada, pessoas a quem serei sempre grata.

Agradeço inicialmente a Deus, por me dar forças sempre e carregar minhas energias.

Agradeço aos meus pais e minha irmã por confiarem em minha escolha de me tornar professora, por estarem ao meu lado em todos os momentos, pela paciência e apoio e por estarem se formando junto comigo. Agradeço ao meu noivo pela infinita paciência e compreensão sempre.

Agradeço muito à Ana Maria que há 15 anos foi minha querida e inesquecível professora, pessoa que fez com que eu me apaixonasse por esta profissão maravilhosa e fizesse esta escolha.

Também sou grata aos amigos e professores amigos que me acompanharam e fizeram parte dos anos da graduação, ensinando-me e caminhando junto. Em especial, agradeço ao professor Luiz Carlos de Freitas que esteve ao meu lado na caminhada pela elaboração e conclusão deste trabalho, mesmo com minha escolha de ficar mais um ano na graduação. Agradeço, também especialmente, aos professores Guilherme do Val Toledo Prado e Roseli Cação por acreditarem em mim e fazerem parte de minha formação, dividindo um pouco de seus saberes comigo.

Agradeço aos professores que reservaram momentos de suas corridas rotinas para contribuir com minha pesquisa, respondendo as entrevistas e conversando sobre o assunto sempre que eu os questionava. Sou muito grata à professora Ana Flávia que esteve ao meu lado desde o início, sempre solícita e sempre me ajudando, e também à professora Maria Helena que se dispôs a dividir comigo um pouco de toda sua experiência, abrindo as portas de sua casa para mostrar-me um pouco do que já viveu com a Pedagogia Freinet.

À Escola Curumim serei sempre muito grata, pela oportunidade de fazer parte de sua equipe, pela riqueza da formação que tive e continuo tendo a cada dia, bem como pela vivência com a Pedagogia Freinet.

Agradeço, por fim, à REPEF, rede da qual faço parte e que tem contribuído muito em minha formação, permitindo momentos muito ricos de debates e reflexões.

Resumo

A Escola que chamamos de tradicional nem sempre foi assim, visto que se trata de uma instituição que sofre influência da sociedade e que se modifica com o tempo. Sendo assim, é possível e necessário fazer mudanças na Escola atual, uma escola reprodutora dos valores da sociedade capitalista como a meritocracia, a competição, a formação de alunos passivos e acríticos, o individualismo, a dominação e a exploração. Célestin Freinet buscou essa mudança, propondo uma Educação democrática e humana, com o objetivo de formar cidadãos críticos, ativos e reflexivos. A Pedagogia Freinet é baseada na livre expressão, na cooperação, na autonomia e no trabalho. Mas, como é possível trabalhar com um Pedagogia que vai na contramão do sistema capitalista em escolas públicas cuja educação está pautada no Ensino Tradicional atual? Esse questionamento levou-me a entrevistar professores que escolheram trabalhar com a Pedagogia Freinet nas redes públicas de Campinas e região, buscando saber quais são os principais desafios enfrentados por eles nesta escolha. As entrevistas mostraram um trabalho desafiador, porém possível. A quantidade de alunos por sala e a falta de parceria foram consideradas as condições mais desafiadoras para esses professores, visto que Freinet propôs salas com número reduzido de crianças e uma Educação pautada na cooperação e na coletividade.

“A dream you dream alone is only a dream. A dream you dream together is reality.”

(John Lennon)

*“Sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só. Mas, sonho que se sonha junto
é realidade.”* (Raul Seixas)

“Então eu vou passar de ano, não tenho outra saída.

Mas o ideal é que a escola me prepare para a vida.

Discutindo e ensinando os problemas atuais

E não me dando as mesmas aulas que eles deram pros meus pais” (Gabriel, o pensador)

Índice

Introdução	7
1. Pedagogia Freinet e o ensino tradicional	9
1.1. Quem foi Célestin Freinet?	10
1.2. Uma breve reflexão sobre o Ensino Tradicional capitalista	13
1.3. Propostas de Célestin Freinet	14
1.4. A Pedagogia Freinet na Escola Pública: Possibilidade de libertação das classes populares	19
1.5. Pedagogia Freinet: uma prática coletiva	20
2. O caminho percorrido	22
3. O trabalho com a Pedagogia Freinet na rede pública de Campinas e região: uma análise das entrevistas realizadas	24
3.1. O primeiro contato com a Pedagogia Freinet	24
3.2. Por que a Pedagogia Freinet na rede pública?	25
3.3. Instrumentos da Pedagogia Freinet na rede pública de ensino	27
3.4. A falta de parceria no trabalho com a Pedagogia Freinet	32
3.5. Número de alunos por sala e a Pedagogia Freinet	33
3.6. Infraestrutura e o trabalho com a Pedagogia Freinet	34
3.7. Vantagens da Pedagogia Freinet face aos métodos tradicionais de ensino	35
Considerações finais	39
Referências bibliográficas	42
Referências consultadas	44
Anexos	45
Entrevistas	46

Introdução

O presente trabalho surgiu a partir de uma inquietação relacionada à concepção atual de educação, ao que chamamos de escola tradicional, uma escola reprodutora dos valores da sociedade capitalista tais como a meritocracia, a competição, a formação de alunos passivos e acríticos, o individualismo, a dominação, a alienação, a exploração e a mais valia.

Buscando uma educação mais democrática, que respeite as crianças, que valorize e trabalhe para a formação de cidadãos críticos e questionadores, cheguei até a Pedagogia Freinet.

Na Pedagogia Freinet, o trabalho é baseado na cooperação, na livre expressão e na busca pela autonomia. É justamente o trabalho, e não a sanção e a competição, que resulta na disciplina das crianças. Trata-se de uma pedagogia na qual a criança é vista como sendo da mesma natureza que o adulto e, portanto, capaz de realizar seu trabalho, de expressar-se, de tatear e descobrir, criar e agir, organizar-se e avaliar-se.

Porém, meus questionamentos estão pautados exatamente na grande diferença de trabalho pedagógico entre a Educação Tradicional e a Pedagogia Freinet.

Considerando que Freinet propôs uma escola para o povo, para todos, e conhecendo a realidade das escolas públicas de Campinas e região, questiono como é possível a realização de um trabalho que vai na contramão do sistema que domina nossa sociedade? Como acontece o trabalho, quase que isolado em algumas salas de aula, de professores que decidem andar na contramão desse sistema excludente e competitivo? Quais são as grandes dificuldades que esses “professores freinet” encontram ao escolherem a Pedagogia Freinet nas redes públicas?

Este trabalho tem como objetivo levantar os principais desafios que os professores que escolheram trabalhar com a Pedagogia Freinet na rede pública de ensino de Campinas e região enfrentam na realização de seu trabalho.

O primeiro capítulo deste trabalho é dedicado ao levantamento teórico relacionado à Célestin Freinet e à sua proposta. Este capítulo apresentará algumas breves reflexões acerca do que chamamos de Ensino Tradicional de uma sociedade capitalista, bem como do trabalho coletivo proposto na Pedagogia Freinet, visando destacar que o trabalho de professores freinet em escolas onde os outros professores realizam um trabalho baseado no Ensino Tradicional apresenta grandes desafios, além

da sensação de isolamento, de solidão nessa escolha pela Pedagogia Freinet. Neste sentido, também será destacada a importância dos encontros regionais e internacionais de professores Freinet, que possibilitam trocas, aprendizados, reflexões e estudos. O primeiro capítulo ainda apresentará uma breve reflexão sobre a Pedagogia Freinet nas escolas públicas como uma possibilidade de libertação das classes populares, uma vez que parte das necessidades das crianças, de acordo com suas particularidades, além de permitir o acesso à cultura e visar a formação de cidadãos críticos, ativos e reflexivos, capazes de questionar.

Na sequência, o segundo capítulo é dedicado ao caminho que percorri para a realização do presente trabalho.

O terceiro e último capítulo será dividido entre algumas questões levantadas nas entrevistas: o primeiro contato com a Pedagogia Freinet; o que levou esses professores a trabalhar com a Pedagogia Freinet nas escolas públicas; com quais instrumentos da Pedagogia Freinet esses professores trabalham na rede pública; o grande desafio da falta de parceria; o número de alunos em cada sala de aula e o conseqüente reflexo no trabalho; a influência (ou não) da infraestrutura no trabalho com a Pedagogia Freinet; e as principais vantagens levantadas pelos entrevistados em relação a Pedagogia Freinet face aos métodos tradicionais de ensino.

1. Pedagogia Freinet e o ensino tradicional

A instituição social denominada escola, foi se constituindo no decorrer da história e houve um processo histórico de distanciamento entre escola, vida e prática social. Com o surgimento do capitalismo e o conseqüente desenvolvimento das forças produtivas, a escola passou a ter a função de preparar (de forma rápida) recursos humanos para a produção. Assim, os processos de aprendizagem tornaram-se propedêuticos e artificiais. A escola, então, tornou-se reprodutora dos valores da sociedade capitalista, tais como a meritocracia, a competição, a formação de alunos passivos e acríticos, o individualismo, a dominação, a alienação, a exploração e a mais valia.

Segundo FREITAS (2003) os “motivadores naturais” foram deixados de lado para dar lugar aos “motivadores artificiais”: a escola ficou distante da vida e, portanto, distante do real interesse do aluno. Para controlar o aprendizado e o comportamento das crianças foi desenvolvido o sistema de avaliação com notas e, então, o valor da aprendizagem passou a ser a nota.

FERREIRA (2002), também referindo-se ao período de expansão do capitalismo - no qual passou a ser necessário educar e controlar a classe trabalhadora - discorre em seu artigo sobre o que ela chama de “frontalização”, voltando-se ao material “lousa”. Segundo ela, a lousa caracteriza a frontalização do ensino na medida em que é um material que faz do professor (aquele que escreve na lousa) o centro dos olhares.

A escola, portanto, não é ingênua e, conseqüentemente, a sala de aula também não. Há intencionalidades, além da influência da infraestrutura. A chamada “escola tradicional” impõe um único ritmo de aprendizagem para todos e exige que certa quantidade de conteúdo seja dominada pelos alunos em determinado tempo, não respeitando, assim, o desenvolvimento e o ritmo de cada criança.

Diante dessa realidade, uma inquietação relacionada a concepção de educação atual levou-me a buscar uma alternativa.

A educação vai além da mera transmissão de conteúdo, ela deve ser um instrumento de formação e não de instrução. A escola deve priorizar não apenas o conteúdo, mas também a cultura, as relações, o afeto, a livre expressão, a reflexão, as artes. Além disso, a escola deve possibilitar que a criança se forme como cidadão crítico, ativo e reflexivo e que ela (a criança) desenvolva autonomia e auto-organização.

E foi em busca de uma concepção de educação alternativa e para além do capital, que tomei conhecimento da Pedagogia Freinet: uma pedagogia democrática, que

defende a livre expressão, a cooperação, o trabalho e a autonomia, uma pedagogia que respeita a infância e que, sobretudo, considera a criança um ser social, assim como o adulto.

Sendo assim, faz-se necessário contextualizar Célestin Freinet, apontando quem foi esse pesquisador e educador que organizou o movimento que passou a ser conhecido por todo o mundo como Movimento da Escola Moderna.

1.1. Quem foi Célestin Freinet?

Célestin Freinet, um militante, nasceu em 15 de outubro de 1896, nos Alpes Marítimos (sudoeste da França), em Gars, e viveu na aldeia com a natureza e sua liberdade e riqueza até os 13 anos de idade.

O período escolar vivido por Célestin Freinet foi marcado pelo ideário republicano e seus rígidos métodos. Pouco se sabe sobre o período escolar dele, pois a escola não o marcou nem bem, nem mal, assim como destaca FREINET (1978):

“A escola não me marcou nem para o bem nem para o mal. Já que decerto ela não podia marcar-me para o bem, alegro-me que não me tenha marcado para o mal, que tenha sido neutra, que tenha passado como algo anônimo por meus dias de criança, como água que escorre sobre a argila ressecada.” (p.8)

A vivência com os camponeses o marcou e ensinou muito mais do que suas experiências escolares, e suas raízes rurais o levaram a lutar pelas classes menos favorecidas.

Aos 13 anos, Freinet foi admitido no primário superior – curso suplementar – em Grasse. Após 3 anos ingressou na Escola de Formação de Professores de Nice, onde passou 2 anos e recebeu influência do ensino da época (ensino este contra o qual Freinet, posteriormente, se rebelou). Porém, ao ser convocado para o serviço militar na 1ª Guerra Mundial, seus estudos foram interrompidos. Sua experiência em uma guerra tão cruel e violenta foi determinante para ele buscar uma educação diferente, inovadora.

Em 1920, Célestin Freinet foi nomeado professor adjunto de uma escola primária na zona rural, onde ele iniciou suas primeiras experiências pedagógicas.

Vale ressaltar que a sala de aula em que Célestin Freinet foi lecionar pela primeira vez era uma sala tradicional nas escolas oficiais, com as carteiras enfileiradas e o professor como centro.

Mas, ferido no pulmão por gases tóxicos, Freinet tinha pouco fôlego e não conseguia falar muito nas aulas.

Segundo ELIAS (2001), as complicações respiratórias causadas pela ação dos gases tóxicos que atingiram Freinet na 1ª Guerra Mundial, além de sua insatisfação com o ensino tradicional, fizeram com que ele buscasse outra forma de dar aula, outra pedagogia para conseguir seguir na profissão que tanto amava.

Célestin Freinet não queria dar aula para crianças que não o escutavam e não compreendiam. Ele não queria precisar chamar a atenção dos alunos o tempo todo, pois sabia que seria um esforço inútil dentro de uma sala, entre quatro paredes. Então, ele começou a pesquisar para melhorar suas condições de trabalho, bem como sua eficácia.

Freinet adotou o Livro de Notas – que substituiu o diário de guerra – e passou a registrar todos os dias o que ouvia dos alunos, o que falava a eles, as observações e tudo mais que o ajudasse a conhecer melhor a personalidade de cada criança.

Mas, Freinet percebeu suas grandes dificuldades para conciliar as exigências dos programas, o rigor dos horários e a inquietação das crianças nas atividades em que lhes eram exigidas que ficassem imóveis. Percebeu que as crianças não se interessavam pelas aulas ministradas, mas sim pela vida fora da escola, por aquilo que acontecia na natureza, nas ruas.

Sendo assim, Freinet se informou sobre os pensamentos dos educadores que influenciaram o desenvolvimento da pedagogia e/ou propuseram os princípios da Escola Ativa (Comenius, Montaigne, Rabelais, Rousseau, Pestalozzi, entre outros). Freinet participou do congresso da Liga Internacional para a Educação Nova, realizado na Suíça, onde se encontrou com Decroly, Ferrière e outros, e se interessou apaixonadamente pela ideia de papel ativo das crianças.

Freinet concebeu o ensino como uma militância, consciente do papel da escola na reprodução social.

Ele almejava uma escola que zelasse pelo espírito de liberdade e que possibilitasse à criança oportunidades de movimentação, exploração, autonomia e diálogo professor-aluno. E propôs o contato das crianças com a natureza, além do trabalho em ateliês. De acordo com ELIAS (2001), Freinet objetivava melhorar as condições de trabalho na escola, refletir e propor uma escola democrática.

Quando descobriu a impressora para a escola, ao invés de monopolizar sua ideia, ele a dividiu com seus colegas, inclusive Ferrière. Então, Freinet fundou uma cooperativa com circulares, boletins e textos infantis.

Freinet foi leitor de Montaigne, Rousseau e Pestalozzi. Além disso, a Escola Ativa de Ferrière orientou suas experiências.

É necessário destacar que Freinet criticava a mera transmissão de um conhecimento já produzido e defendia a construção de conhecimentos pelos sujeitos envolvidos.

Após pesquisas e viagens, Freinet voltou para a sala de aula em uma aldeia e se desesperou, sendo obrigado a voltar aos instrumentos tradicionais. De acordo com o prólogo de “Educação do trabalho”, Freinet teve que se virar, “como um palhaço sem talento” para prender a atenção de seus alunos numa escola tradicional.

Em 1926, Celestin Freinet casou-se com uma artista plástica, Élise Lagier-Bruno, quem passou a ser sua principal colaboradora por toda sua vida. E, juntos, organizaram a Cooperativa do Ensino Leigo – CEL – para publicar as produções das crianças.

A oposição entre a Escola Ativa e a Escola Tradicional começou a se intensificar. Agravou-se, conseqüentemente, a campanha contra Freinet e, em 1933, a escola onde trabalhava foi submetida a inquérito pedagógico e todos os textos impressos pelas crianças foram examinados.

Em Junho de 1933, Freinet foi banido do ensino público, mas em 1935 ele inaugurou a primeira escola proletária particular – em Vence – onde criou novos instrumentos (1º de outubro: inauguração oficial da Escola Freinet).

Durante a 2ª Guerra Mundial, Freinet foi preso no Campo de Concentração de Var – França. Mesmo preso, ele não desistiu: passou a lecionar para seus companheiros de prisão e escreveu 2 livros (“A Educação do Trabalho” e “Ensaio da Psicologia Sensível aplicada à Educação”). Sua esposa (Elise Freinet) lutou para que ele fosse libertado e conseguiu.

Ao sair da prisão, Célestin Freinet se aliou ao Movimento de Resistência Francesa. Nos anos 50 a Pedagogia Freinet ganhou forças e se espalhou por todo o mundo.

Muitos professores ficaram tentados a praticar as propostas de Freinet, mas tinham muitas dúvidas em como começar, como dar o primeiro passo. Então, Freinet criou 30 **Invariantes Pedagógicas** que definem os princípios básicos para que o professor tenha uma postura pedagógica que desenvolva o trabalho, o respeito, a cooperação e a relação de confiança em todo o grupo.

“Freinet percebeu que somente a transmissão de conselhos técnicos corria o risco de ser insuficiente, se estes não fossem acompanhados de instruções mais exatas. Por isso, ele organizou uma série de princípios que chamou de **Invariantes Pedagógicas**. Ele queria, assim, estabelecer uma nova gama de valores escolares, numa busca da verdade, que deveria ser feita à luz da experiência e do bom-senso.” (SAMPAIO, 2007, p.80)

Após seu efetivo trabalho com uma educação de qualidade e respeito, Célestin Freinet faleceu em Vence, em sua própria escola, em 8 de Outubro de 1966. Sua esposa, Elise, deu continuidade à sua obra, escrevendo e trabalhando em sua escola. Em 1983, Elise faleceu, deixando a missão de continuar o trabalho idealizado por Freinet à sua filha, Madaleine.

1.2. Uma breve reflexão sobre o Ensino Tradicional capitalista

Ao pensar em “Escola”, geralmente a imagem que se vê é de um prédio com salas de aula nas quais há uma lousa na frente, carteiras enfileiradas, professor ativo e centro e alunos passivos com seus olhares direcionados ao professor.

Pensa-se em “Escola Tradicional” e tradição é visto como algo que sempre foi igual e sempre será. Mas a escola nem sempre foi da forma como ela é atualmente. Portanto, é necessário desnaturalizar esta imagem.

A escola é resultado de um processo histórico, de lutas sociais, políticas econômicas. É também fruto das condições materiais existentes.

Segundo FERREIRA (2002), foi no final do séc. XIX, por exemplo, que a lousa passou a ser afixada na parede, direcionando os olhares dos alunos para o professor. Pode-se dizer que foi a partir desse momento que a escola que se vê atualmente começou a ser construída, de forma a valorizar e incentivar a competição, a meritocracia, a homogeneidade, a seriação e o modelo simultâneo no qual todos os alunos fazem a mesma coisa ao mesmo tempo; Uma escola que propicia a passividade, a repetição e o trefismo.

Em 1949, Freinet afirmou que a escola já não preparava mais para a vida e que, portanto, estava condenada.

Mas, sabendo que a escola nem sempre foi assim, é possível pensar em mudanças e, sobretudo, realizar mudanças.

1.3. Propostas de Célestin Freinet:

Célestin Freinet propôs um novo modo de pensar e fazer a escola, trabalhando com 4 eixos que são a “**Livre Expressão**”, “**Cooperação**”, “**Autonomia**” e “**Trabalho**”. É essencial destacar que quando se fala em “Livre Expressão” na Pedagogia Freinet, fala-se em uma expressão autêntica, original.

Ao perceber que o interesse das crianças estava na vida, Freinet realizou a **classe passeio**: Freinet e seus alunos iam para o campo que circundava a aldeia, observavam os trabalhadores, as estações, sentiam as flores, insetos, pedras e rios, com toda a sensibilidade. Então, retornavam para a sala com fósseis, argila, etc. Professor e alunos falavam e transmitiam, num tom familiar, os elementos da cultura que eram naturais e dos quais todos tiravam proveito. Escreviam, enfim, um texto sobre o passeio. Surgiu, então, o **texto livre**, instrumento que garante à criança a livre expressão. As crianças liam seus textos com entusiasmo, com orgulho de sua produção e encontravam sentido para escrever, viam um significado para sua própria escrita.

Ainda no prólogo de “A Educação do trabalho”, Freinet destaca que, indignado com o uso de materiais prontos, ele pensou em utilizar material impresso com os textos das crianças, substituindo o material previamente feito e desinteressante. Os alunos se apaixonaram pela composição e pela impressão.

De acordo com SANTOS (1996, p.35),

“a grande originalidade da proposta freinetiana encontra-se no fato de atribuir às atividades escolares as características de um verdadeiro trabalho e de colocar à disposição das crianças, meios para que elas possam divulgar suas realizações a um público maior do que o grupo-classe”.

Nesse sentido, Freinet introduziu a imprensa na escola (um novo instrumento pedagógico), no final de 1924.

Surgiu, então, o **Jornal Escolar**, instrumento que garante a comunicação das produções das crianças. O **Jornal Escolar** foi, aos poucos, circulando em outras escolas.

Freinet andou na contramão, foi contra as instruções oficiais da época (por volta de 1925). Contudo, muitos professores, ao se informarem sobre o trabalho de Freinet, resolveram utilizar os instrumentos freinetianos e surgiu, então, a **Correspondência Interescolar**. Outro instrumento com o qual Freinet passou a trabalhar, que favorece a comunicação e dá significado para a escrita, além de fazer da aula um acontecimento, é

o **Livro da Vida**, onde as crianças fazem registros. O Livro da Vida é um diário da turma, onde é possível registrar tudo o que acontece, as decisões tomadas, os conteúdos aprendidos, as descobertas, as contribuições e as discussões.

Além desses instrumentos, destaco o **Jornal de Parede**, instrumento que dá voz às crianças, que as torna responsáveis pelos seus atos, que favorece a livre expressão, a autonomia e a resolução de conflitos. Trata-se de um painel com quatro envelopes com os dizeres “eu felicito”, “eu critico”, “eu proponho” e “eu quero saber”. Semanalmente, os envelopes são abertos e as crianças, juntamente com o professor, realizam uma assembleia para discutir os bilhetes e resolver os problemas que surgirem.

Para Freinet, a escola deveria criar situações que despertassem a curiosidade nas crianças e as fizessem refletir. Além disso, ele propôs salas de aulas com número reduzido de crianças. Célestin Freinet buscava transformar a prática docente tradicional.

Como já explicitado anteriormente, para Freinet, não se deve separar a escola da vida. A vida, a natureza, chama as crianças. E nesse sentido, novamente Freinet critica a Escola Tradicional, pois ela se afasta da vida.

Porém, Freinet estava consciente que a organização da Escola Tradicional fazia o trabalho ser minuciosamente controlado e acertado: os programas são cumpridos, os cadernos das crianças ficam cheios, os pais ficam satisfeitos e acreditam que os saberes de seus filhos vão sendo aumentados – metodicamente. Mas isso não é vantagem para o aluno que não vê significado para o que aprende, nem sente prazer em estar na escola.

Em “Para uma Escola do Povo”, FREINET (1996) descreve como seria a escola que ele almejava, uma escola que valoriza o espírito de liberdade e que possibilita à criança oportunidades de autonomia, movimentação, exploração e diálogo professor-aluno, uma escola na qual o aluno não é passivo e o professor não é o centro, superior aos alunos, transmissor de conteúdo. Freinet propôs o contato das crianças com a natureza, além do trabalho em ateliês. Propôs, também, o papel ativo da criança, e o professor como mediador. De acordo com ELIAS (2001), Freinet objetivava melhorar as condições de trabalho na escola, refletir e propor uma escola democrática, que permita que as crianças se expressem e valorize a curiosidade e os interesses de cada aluno.

Freinet foi um apaixonado pela Educação e lutou para que ela fosse de qualidade e realmente educasse.

Logo no prólogo do livro “A Educação do Trabalho”, Freinet afirma: *“Faltou muito pouco, aliás, para que eu, como a maioria de meus colegas, me contentasse com a sossegada rotina que leva à aposentadoria sem grandes esforços ou preocupações”*. Ele tinha a consciência de que era mais fácil seguir o tradicional, mandar as crianças decorarem textos e seguirem materiais. Mas Freinet não queria o mais fácil, ele queria a Educação, uma educação da vida, com a vida e para a vida.

Vale ressaltar que em “A Educação do Trabalho”, nas falas do personagem Mathieu, Freinet enfatiza que o progresso, a ciência, tem causado graves consequências para a humanidade e, sobretudo, afastado a Educação da vida. Para Mathieu, de nada adianta ter os conhecimentos científicos se isso não se aproxima da vida, se isso não forma humanos, se isso não interessa as pessoas. E o progresso, a ciência, tem criado monstros, tem prejudicado a natureza, mas com a falsa aparência de estar sempre contribuindo para o bem, para a melhora do mundo e da vida das pessoas.

“Mas, se todos mergulham prazerosamente no mal, sem perceber que é um mal, às vezes acreditando mesmo que é um bem, censurando a originalidade e o humor dos que teimam em alertar do perigo, percebe-se então a gravidade dessa perdição coletiva”. (FREINET, 1998, p. 19)

Freinet criticava o capitalismo, mostrando as graves consequências que ele trouxe à humanidade e à natureza como um todo. Segundo Mathieu, personagem de “A Educação do Trabalho”, a ciência considera apenas o meio artificial do laboratório e/ou visões com lentes deformadas do lucro mercantil e esquece que os seres humanos são um todo maravilhoso.

Segundo Freinet, o mesmo erro que impregnou as ciências médicas, agrícolas e alimentares, também impregnou a cultura e a educação.

“Tanto a medicina como a pedagogia tratam o ser humano como um sujeito inerte e passivo” (FREINET, 1998, p. 48). Professores e Médicos contam apenas com seus próprios talentos e conhecimentos para formar ou curar seus alunos e pacientes. Mas esse conhecimento por si só é de má qualidade porque ilude, mas não alimenta como deveria.

Ainda em “A Educação do trabalho” Freinet afirma que os sábios, embora não sejam tão hábeis com madeiras quanto o marceneiro; não sabem evitar escolhos melhor que

os barqueiros; não sejam tão bons em nomear estrelas como os astrólogos; adquiriram algo muito mais precioso: o conhecimento das grandes leis da vida.

E nas escolas, visando fazer depressa, aprender os conteúdos rapidamente, os professores tentaram “separar a árvore de suas raízes”, separar a criança de sua vida.

“...foi essa, porém, a louca operação que a escola contemporânea tentou realizar. Acreditou-se que se podia impunemente, e com proveito, arrancar a criança de sua família, de seu meio, da tradição que a formou, da atmosfera natal que a banhou, do pensamento e do amor que a alimentaram, dos trabalhos e dos jogos que foram suas preciosas experiências, para transportá-la autoritariamente para esse meio tão diferente que a escola é, racional, formal e frio...” (FREINET, 1998, p. 85)

A escola é muito diferente da vida e, conseqüentemente muito distante do interesse das crianças. E os professores ainda se espantam quando as crianças não prestam atenção nas aulas, conversam o tempo todo e não se saem bem nas avaliações.

Os professores podem até tentar embelezar as histórias que contam, tentar monopolizar o interesse de seus alunos com jogos e músicas, mas de nada adiantará se não “encontrarem a seiva”, se tiverem distantes da vida.

As crianças são o tempo todo “ameaçadas” com testes e provas, que “colocam em prova” aquilo que supostamente elas aprenderam. Elas não estudam por prazer, elas não têm interesse em estudar aqueles conteúdos, mas elas estudam para receberem boas notas (ou para receberem notas suficientes para sua aprovação) numa escola que é meritocrática e competitiva.

Em “Educação do Trabalho”, Freinet também chama a atenção para a “desformação profissional”, que segundo ele é:

“simplesmente o hábito de falar diante das crianças imóveis e nem sempre dóceis, a necessidade que temos de ensinar, mesmo contra a vontade delas, matérias que estão longe de apaixoná-las”. (FREINET, 1998, p. 88)

E foi a isso que Freinet se recusou a se submeter enquanto educador. A Pedagogia Freinet, considera as necessidades das crianças de exprimir suas ideias e seus sentimentos, de comunicar-se com os outros, de criar, pesquisar, conhecer, tatear, de organizar-se e avaliar-se. E, assim, as crianças se interessam e participam.

ZAGO & LAUDANI (2003, p.100) afirmam que “*Freinet nos proporcionou, dentre tantas coisas, uma pedagogia na qual a criança é co-autora do seu conhecimento, do conhecimento coletivo e de seus valores e princípios*”.

A sociedade exige que as pessoas tenham certa quantidade de conhecimento. Mas, segundo Freinet, a escola precisa proporcionar tais conteúdos aos alunos respeitando os direitos da vida e da humanidade. Porque simplesmente ensinar esses conteúdos, é ensinar apenas uma parte da função social.

Para Freinet, inicialmente é necessário que haja uma transformação material e técnica da escola, para torná-la um espaço de atividades agradáveis, dinâmicas e produtivas e não um espaço cheio de salas recheadas de carteiras, lousas, mapas, etc. Daí, então, o professor terá que modificar também seus métodos, suas atitudes e seu comportamento.

Sem essa mudança, o professor se desgasta e tem que “se virar” com materiais insuficientes e inadequados. E como, na perspectiva das escolas tradicionais capitalistas, é o professor quem dá as ordens, quem sabe tudo e faz tudo, ele se considera um semideus.

“Vocês dão uma aula aos alunos; impõe-lhes um trabalho e vêm verificar logo em seguida, com uma miopia de burocrata, o efeito produzido, como as crianças da cidade que enfiam na terra uma muda, regam-na apressadamente e vêm no dia seguinte ver se as frutas cresceram.” (FREINET, 1998, p. 164)

Assim é a escola: apressada demais! Os professores querem resultados imediatos e não esperam que os elementos que eles transmitem sejam apreendidos. Mas o progresso do aprendizado se dá no todo e não em um único dia.

Nas escolas tradicionais capitalistas, não há um meio termo; ou o aluno sabe, ou ele não sabe. E assim, os professores se apressam, enchem a memória das crianças, exigem uma quantidade enorme de tarefas e passam para o próximo conteúdo. Com os cadernos cheios e com muitas listas de tarefas, o professor tem a sensação de trabalho cumprido. Mas é como os frutos desenvolvidos precocemente e que têm altos preços no mercado: mas será que esses frutos têm qualidade?

A educação deve exaltar no indivíduo o que ele tem de humano, enriquecer e fortalecer os conhecimentos que tem. Além disso, é necessário saber quais são as necessidades essenciais que a criança deve satisfazer: relacionar-se (entre indivíduos e entre grupos), preservar a vida (alimentação e defesa) e transmitir e continuar a vida. É fácil perceber que as atividades que satisfazem as necessidades das crianças despertam nelas interesse e preferência.

Não se pode obrigar a criança a fazer o que para ela não tem sentido, o que não lhe desperta interesse. E como Freinet afirmou: “não se obriga o cavalo que não está com sede a beber.” (FREINET, 2004, p.18)

1.4. A Pedagogia Freinet na Escola Pública: Possibilidade de libertação das classes populares

A escola pública encontra-se, atualmente, inadequada à realidade daqueles que a frequentam. Segundo VILLELA (1991), a Pedagogia Freinet é capaz de adequar-se à “clientela” das escolas públicas uma vez que parte das necessidades e interesses dos alunos. A educação tem sentido e finalidade quando visa atender as necessidades de libertação das classes populares e a Pedagogia Freinet consegue oferecer à essa classe “um importante instrumento de luta contra o domínio burguês” (p. 57).

Segundo FREINET (1996), “infelizmente, pais e sociedade – padrinhos naturais da nossa escola pública – raciocinam com demasiada frequência como o capitalista interessado.” A sociedade,

“[...] Com muita frequência, é dominada pela preocupação política de durar e não tem tempo de pensar no que será daqui a dez ou vinte anos. É o amanhã imediato que a obseda. E é para esse amanhã imediato que ela pede à escola que prepare a criança, para os objetivos imediatos que ela impõe e que podem não ser nem mais racionais, nem mais humanos do que aqueles em nome dos quais o industrial empreende a fabricação em série e o lançamento de um objetivo inútil à sociedade, ou mesmo perigoso e nocivo”. (FREINET, 1996, p.8)

A Pedagogia Freinet, por sua vez, visa a construção de conhecimento e a possibilidade de acesso à cultura e aos conteúdos curriculares escolares, além de possibilitar que as crianças se desenvolvam como seres críticos e ativos, capazes de lutar por sua libertação.

Segundo ELIAS (2001),

“[...] Para Freinet, o principal fim da educação é o crescimento pessoal e social do indivíduo, elevar a criança a um máximo de humanidade, preparando-a não apenas para a sociedade atual, mas para uma sociedade melhor, fazendo-a avançar o mais possível em conhecimento, num constante desabrochar.” (p.90)

Trata-se aqui de uma pedagogia preocupada e interessada na formação plena e completa do cidadão, respeitando-o e possibilitando o contato e a construção do conhecimento.

“Freinet sempre se preocupou com as crianças que tinham dificuldade em aprender, que eram marginalizadas e acreditava que o ser humano possuía forças dentro de si que permitiam superar todas as adversidades, podendo dar saltos incríveis quanto ao aproveitamento. Tudo depende da maneira de se chegar até essas crianças...” (SAMPAIO, p. 139, 2007)

1.5. Pedagogia Freinet: uma prática coletiva

Segundo ELIAS (2001), a Pedagogia Freinet é uma prática coletiva e, portanto, o sujeito da educação é o conjunto de pessoas que participam do processo, adultos e crianças. O adulto não é o único que tem o conhecimento, o saber.

A Pedagogia Freinet é feita de trocas e construções coletivas. Além disso, entre os adultos que fazem parte desse coletivo também há trocas de experiências, debates, estudos e aprendizado.

“O nosso trabalho não pode ser individual porque a construção de conhecimento é, antes de tudo, um trabalho coletivo. Quando o grupo é maior e divide suas dúvidas e conquistas, multiplica as possibilidades para resolver suas questões e encontra melhores maneiras para trabalhar.” (Professora de Educação Infantil das redes municipais de Sumaré e Paulínia)

Não era objetivo de Freinet impor técnicas e métodos fixos, intocáveis. Sua proposta oferece ferramentas e ideias para serem discutidas, refletidas e trabalhadas de acordo com as particularidades de cada professor, de cada criança, de cada grupo. SAMPAIO (2007) afirmou que

“[...] Freinet não queria implantar, através de suas técnicas, um método intocável, que não pudesse ser modificado. Pelo contrário, os correspondentes, ao apresentarem dificuldades em suas aulas, trocavam ideias, comparavam resultados e juntos iam com Freinet, construindo uma nova pedagogia, a ‘pedagogia do bom-senso’.” (p.27)

Freinet foi responsável pela criação de um movimento pedagógico que, por ser movimento, é plástico, dinâmico, permite o debate, trocas e leituras diversas. Trata-se de um movimento que se estende por diversos países em todo o mundo.

“As pessoas que ficam conhecendo a Pedagogia Freinet geralmente não se satisfazem só com ler os livros, participar de palestras, cursos ou ver eslaides mostrando como as crianças trabalham no Brasil ou na França. O

interesse fica cada vez maior e a necessidade de saber mais, de conhecer a prática (...) levam sempre ao desejo de se organizar grupos para estudos e trocas de experiências com professores que têm ou já tiveram a oportunidade de viver a Pedagogia Freinet em suas classes, mesmo que o resto da escola não use essas técnicas.” (SAMPAIO, p. 171, 2007.)

Em todo o mundo, existem grupos de professores que trabalham com a Pedagogia Freinet, realizando encontros para possibilitar trocas de experiências e debates sobre esta pedagogia.

A FIMEM (Federação Internacional do Movimento da Escola Moderna), fundada em 1964 para afirmar o caráter internacional do movimento Freinet, é responsável pela organização dos encontros internacionais de educadores Freinet. Esses encontros possibilitam a formação contínua dos educadores e a comunicação, bem como as trocas de informações e experiências. No Brasil, alguns grupos de educadores são reconhecidos e filiados à FIMEM. O mais recente grupo de professores freinetianos da região é a REPEF (Rede de Professores e Educadores Freinet). Esta rede vem crescendo e se fortalecendo enquanto grupo, buscando a filiação à FIMEM. Os membros têm se organizado e realizado encontros, formalizando a situação do grupo.

O movimento da pedagogia Freinet vem crescendo em Campinas e região, e muitos professores já estão tateando as propostas de Freinet, visando renovar seu trabalho e suas práticas pedagógicas na rede pública. Porém, as tentativas isoladas de trabalhar com a Pedagogia Freinet nas escolas públicas provocam uma sensação de estar sozinho, sem parcerias e sem apoio. Os encontros de professores Freinet possibilitam as trocas e a visão de que esses professores não estão sozinhos nessa caminhada. Muitos professores de Campinas e região já fazem parte da REPEF, participando dos encontros e discussões, fortalecendo o movimento. Outros pequenos encontros regionais também possibilitam essa visão de grupo, além dos grandes encontros internacionais, a Reunião Americana (RADEF) e o encontro internacional da RIDEF (Reunião Internacional de Educadores Freinet).

Freinet pensava em práticas democráticas e cooperativas, tanto entre as crianças, quanto entre os profissionais que escolhem trabalhar com a Pedagogia Freinet. Portanto, não se trata de um trabalho isolado, solitário, mas sim de um trabalho coletivo e cooperativo.

2. O caminho percorrido

Conforme relatado anteriormente, a escolha da presente pesquisa se deu devido a uma inquietação relacionada ao ensino tradicional capitalista presente nas escolas atuais, o que me fez buscar alternativas. Ao deparar-me com a Pedagogia Freinet através de leituras, decidi conhecê-la mais profundamente, buscando referências bibliográficas e experiências em escolas de rede pública em Campinas e região.

Inicialmente, foi realizado um levantamento bibliográfico, o que proporcionou maior entendimento acerca da Pedagogia Freinet.

Após um estudo de obras de Célestin Freinet e outros autores, bem como um estudo de artigos e trabalhos acadêmicos relacionados à Pedagogia Freinet, passei a buscar professores que trabalham com a Pedagogia Freinet na rede pública de Campinas e região e, busquei, então, pesquisar os desafios encontrados por esses docentes que, de certa forma, decidiram “andar na contramão”, indo contra o sistema e trabalhando com uma pedagogia diferente daquela presente nas escolas tradicionais capitalistas.

O movimento da pedagogia Freinet vem crescendo em Campinas e região, e muitos professores já estão Tateando as propostas de Freinet, visando renovar seu trabalho e suas práticas pedagógicas.

Nos primeiros contatos com esses professores, busquei conversar, saber um pouco sobre as experiências vividas e participar de encontros como o Encontro em Limeira, realizado no Colégio Portinari, em setembro de 2011; o I ECEF (1º Encontro Campinas de Educadores Freinet), realizado na Escola Curumim em Campinas, em maio de 2012; e o encontro da REPEF em Jundiaí no Colégio Santa Felicidade em setembro de 2012. Nos três encontros, professores que trabalham com a Pedagogia Freinet em escolas públicas e privadas se reuniram, buscando trocas e, também, o fortalecimento do movimento Freinet, principalmente na região sudeste de nosso país.

Logo no início do I ECEF, houve uma conversa com Ruth Joffily¹, referência no trabalho com a Pedagogia Freinet no Brasil. Nesta conversa, Joffily falou um pouco sobre o Movimento Freinet, destacando que a Pedagogia Freinet é escolhida e, por isso, não pode ser adotada pelo Sistema, visto que assim, ela seria obrigatória. Por ser um movimento, a Pedagogia Freinet é dinâmica e permite um “confronto” de leituras que se enriquecem. Joffily lembrou do poeta Antônio Machado, fazendo uma reflexão com

¹ Ruth Joffily trabalha com a Pedagogia Freinet desde 1978 e continuou Tateando essa Pedagogia em todos os níveis de ensino em que atuou: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Superior

seus versos: “Caminhante, não há caminho. O caminho se faz ao caminhar.”, destacando que Freinet não desejava que sua Pedagogia fosse tida apenas como um método, pois assim teríamos apenas o caminho, sem saber pra onde ele nos levará. Após a conversa com Ruth Joffily, houve diversas rodas de conversa com comunicações sobre o “Livro da Vida”, o “Texto Livre”, o “Jornal de Parede”, o trabalho organizado em “Ateliês”, a “Aula Passeio” e o trabalho com projetos em torno dos “Complexos de interesse”, entre outros.

As conversas com professores freinet (nos Encontros e fora deles também), levaram-me a elaboração de um roteiro de entrevistas. Para fazê-lo, considerei essenciais alguns pontos, como a formação de cada professor, onde/como eles conheceram a Pedagogia Freinet, quantidade de alunos por sala, infraestrutura e parcerias.

Com o roteiro pronto, realizei as entrevistas. Busquei conversar com professores de diferentes segmentos de ensino que trabalham com a Pedagogia Freinet em Campinas e região. Entrevistei duas professoras da Educação Infantil (uma das redes municipais de Paulínia e de Sumaré, e outra da rede municipal de Campinas), uma professora de Ensino Fundamental I da rede municipal de Campinas, uma professora de História do Ensino Fundamental II, da rede municipal de Valinhos e um professor de Matemática do Ensino Médio e EJA, da rede estadual em Campinas, totalizando 5 professores.

Após realizar as entrevistas, passei a analisar as respostas de cada entrevistado, buscando identificar os maiores desafios, bem como características do trabalho desses professores com a Pedagogia Freinet na rede pública de Campinas e região, além de dar continuidade ao estudo bibliográfico.

3. O trabalho com a Pedagogia Freinet na rede pública de Campinas e região: uma análise das entrevistas realizadas

Em entrevista, alguns professores que trabalham com a Pedagogia Freinet em escolas públicas de Campinas e região, relataram suas maiores dificuldades e desafios.

Foram entrevistadas duas professoras da Educação Infantil (uma das redes municipais de Paulínia e de Sumaré, e outra da rede municipal de Campinas), uma professora de Ensino Fundamental I da rede municipal de Campinas, uma professora de História do Ensino Fundamental II, da rede municipal de Valinhos e um professor de Matemática do Ensino Médio e EJA, da rede estadual em Campinas.

3.1. O primeiro contato com a Pedagogia Freinet

O que, inicialmente, chama a atenção nas entrevistas, é o primeiro contato desses professores com a Pedagogia Freinet. Neste aspecto, apesar do primeiro contato ter sido, para a maioria dos entrevistado, na graduação, é possível afirmar que a Pedagogia Freinet aparece pouco na academia. Há pouco, ou quase nenhum espaço para se discutir essa pedagogia na formação acadêmica, fazendo com que o conhecimento sobre ela fique ainda mais restrito. Quando a Pedagogia Freinet aparece na academia, ela aparece como “migalhas”, muitas vezes é apenas citada, outras é apenas apresentada em uma única disciplina, sem que haja espaço para o real conhecimento, discussão e reflexão.

Acredito que a “correção pedagógica racional, eficiente e humana” a que FREINET (1996) se refere, deva se iniciar ainda na formação dos professores.

É possível afirmar que, no melhor dos casos, quando a formação do professor oferece ferramentas de reflexão sobre a escolástica, essa formação ainda não faz com que esta escolástica seja colocada em dúvida, seja questionada.

Freinet afirmara que só conhecemos aquilo que vivemos. E, Ruth Jofilly completou, com sua fala no I ECEF: “Não fomos alunos dos professores que queremos ser”. Sendo assim, é muito comum o novo professor, ao deparar-se com situações que ele não consegue dominar, recorrer com segurança àquilo que ele experimentou enquanto aluno, o ensino tradicional.

FREINET (1996) afirma, contudo, que não se trata de influenciar os professores a começar no ano seguinte a trabalhar com a educação do trabalho. *“Ninguém pode se lançar, sem mais nem menos, numa nova técnica para a qual não está treinado.”*

(FREINET, 1996, p.127). É necessário tatear, experimentar, avaliar, comparar, para depois, “[...] *sem choques, sem revolução no ritmo de trabalho, sem riscos de graves fracassos*” (FREINET, 1996, p.129) sair do tradicional pela simples virtude de novas experiências.

Nas entrevistas realizadas, os pontos principais foram a formação, a parceria, o número de alunos por sala e os instrumentos utilizados, lembrando que a simples utilização de instrumentos não faz dos professores, educadores freinetianos. Trata-se de uma questão política, de “ser Freinet”, de assumir a proposta e acreditar que essa formação cidadã e para o trabalho é capaz de atender às necessidades vitais dos seres humanos que são (ou deveriam ser) educados para a vida e pela vida nas escolas.

As entrevistas mostraram um trabalho nada fácil que é realizado em escolas da rede pública de Campinas e região. Há todo um sistema por trás da educação que dificulta grandes mudanças. Além disso, sabe-se que para muitos professores, é muito mais cômodo e confortável estar sempre do mesmo jeito, caminhando sempre igual, trabalhando com o mínimo de esforço, sem arriscar-se a andar na contramão de um sistema que classifica e exclui. Um dos entrevistados afirmou: *“Tem professores lá que trabalham há 25, 26 anos lá com o mesmo projeto, a mesma coisa, a mesma prova... e eles não querem mudar. E aí quando você vem com uma inovação, eles falam que não vai dar certo.”* E, assim como Freinet mesmo afirmou, a teoria não basta, é necessário que esses professores experimentem para saber que dá certo.

3.2. Por que a Pedagogia Freinet na rede pública?

Quando perguntei aos entrevistados o que os levou a trabalhar com a Pedagogia Freinet na rede pública, a maioria deles me respondeu que foi uma consequência de um trabalho já iniciado, de uma escolha feita anteriormente.

“Minha escolha em trabalhar a Pedagogia Freinet na escola pública foi uma consequência de um trabalho que eu já havia iniciado na Escola Curumim. Quando ingressei na rede já trabalhava na Curumim e toda minha experiência se referenciava na prática Freinet, o que me levou a experimentar tal pedagogia também na rede pública.” (Professora de Educação Infantil da rede municipal de Campinas)

Eles afirmaram que já trabalhavam com a Pedagogia Freinet antes de ingressar na rede pública.

A Pedagogia Freinet não é um método, não é um sistema escolástico, nem uma série de técnicas a serem seguidas. Trata-se de uma escolha, de um movimento que, por assim ser, é plástico, possível de diálogo, dinâmico.

“Freinet insistia sempre em seus boletins que um mesmo material de trabalho poderia ser utilizado de várias maneiras. Cada classe tinha uma realidade diferente, cada professor uma mentalidade própria, cada escola, características peculiares; dessa forma, era absolutamente impróprio estabelecer regras.” (SAMPAIO, 2007, p.53)

Por ser uma escolha, o professor que a escolhe, o faz em qualquer lugar, em qualquer situação.

“[...] O professor quando conhece uma pedagogia nova, ou ele trabalha com ela, ou ele não trabalha com ela. Ele não pode ser um professor numa escola e um outro professor na outra.”, afirmou o professor de Matemática da rede estadual de Campinas.

Outra entrevistada afirmou ter se tornado professora em uma escola freinetiana, o que fez com que ela aprendesse a ser professora assim. Além disso, ela afirmou desejar, desde o início de sua carreira, levar a Pedagogia Freinet para a rede pública devido às propostas de Freinet.

“Na verdade me tornei professora numa escola Freinet, não sei fazer de outro jeito, além do que Freinet era um professor de escola pública, sua teoria, sempre pautada em sua prática em sala de aula, foi pensada para a escola pública. Ele era um militante, influenciado pelas teorias marxistas, não tem como desvincular a Pedagogia Freinet da escola pública. Aliás desde que tomei contato com a Pedagogia Freinet meu objetivo era a escola pública...” (Professora de Ensino Fundamental I na rede municipal de Campinas.)

Outra situação que levou ao trabalho com a Pedagogia Freinet na rede pública foi o caso da professora que encontrou na Pedagogia Freinet um jeito de trabalhar em um 5º ano com 30 crianças, sendo que 10 ainda não estavam alfabetizadas.

SAMPAIO (2007) traz um relato de uma professora que escolheu trabalhar com a Pedagogia Freinet em uma escola marcada como “escola da favela”. Uma escola que, por localizar-se próxima a uma favela, recebia a grande maioria dos estudantes vindos de lá. Salas superlotadas e aspectos físicos em péssimo estado constituíam o cenário desse trabalho.

“Foi nessas condições que Maria Lúcia escolheu trabalhar. Era um desafio, pois nessa época – 1977 -, ela

havia chegado da França, onde havia defendido uma tese sobre a Pedagogia Freinet e estagiado em várias escolas. Essa escola de favela seria uma prova de fogo. Trazer a proposta de Freinet, em que ela acreditava e com a qual se identificava, para uma realidade brasileira, com crianças carentes, desacreditadas, muitas vezes evitadas, até pelo próprio professorado, era mesmo um grande desafio [...] O importante era descobrir uma forma de trabalhar com elas, uma maneira de atingi-las para que houvesse uma resposta, um aproveitamento positivo. Freinet acreditava nisso e Maria Lúcia também.” (SAMPAIO, 2007, p.138)

A professora do relato acima, assim como os professores entrevistados, escolheu a Pedagogia Freinet, e ao escolher esta pedagogia, escolhe-se permitir que as necessidades das crianças sejam sentidas e assumidas.

“Assumir para fins educativos as necessidades das crianças significa, então, para nós, que o papel do professor e a responsabilidade da escola são de criar um meio educativo em que tais necessidades sejam sentidas e possam ser assumidas e, então, satisfeitas pelo grupo.” (FERREIRA, 2003, p.29)

3.3. Instrumentos da Pedagogia Freinet na rede pública de ensino

Os professores entrevistados relataram os instrumentos com os quais eles trabalham na rede pública de ensino de Campinas e região. Faz-se necessário destacar que não se trata de ferramentas, mas sim de instrumentos, com os quais é permitido trabalhar de acordo com o perfil e a necessidade de cada indivíduo e de cada grupo. A organização, assim como o trabalho com os instrumentos proposto por Freinet, não pode ser imposta pelo professor. É necessário que haja um diálogo, uma construção do grupo e que, a partir dos interesses e necessidades das crianças, o professor proporcione aos alunos o trabalho com determinados instrumentos.

Os instrumentos mais citados pelos professores entrevistados foram a **Roda de Conversa**, o **Texto Livre** e o **Livro da Vida**. Além disso, também foram citados o **Jornal de Parede**, a **Correspondência**, o trabalho com **Projetos**, o **Complexo de Interesses** e a **Autoavaliação**.

“Na rede consigo trabalhar com a Roda de Conversa, Livro da Vida, Ateliês e Projetos. Procuo também trabalhar os ‘conceitos teóricos-filosóficos’ de Freinet relacionados à autonomia e cooperação entre as crianças.”, afirmou a professora de Educação Infantil da rede municipal de Campinas.

A **Roda da Conversa** é um momento muito interessante do dia, no qual é feita a organização dos trabalhos, discussões de atividades, distribuição de tarefas e responsabilidades, entre outras discussões.

A Roda da Conversa é “*um momento de incentivo ao exercício da cidadania, da democracia (...) do ouvir o outro e ser ouvido por ele também.*” (SISTE, 2003, p. 91)

É um dos momentos onde a livre expressão e a participação ativa das crianças ficam mais vivas e aparentes. Também é na Roda da Conversa onde surgem os projetos da turma.

[...] Os complexos de interesse do grupo são verbalizados nas rodas de conversa. Naturalmente as crianças manifestam seus interesses... Algumas vezes exploramos esses complexos com conversas e aprofundamento com o tema, outras vezes esses complexos se tornam projetos mais longos. Essa necessidade é o grupo que me mostra. (Professora de Educação Infantil da rede municipal de Campinas)

Não há nada, de fato, que impeça ou dificulte a realização de Rodas da Conversa nas escolas da rede pública de ensino. Talvez, por isso, que este instrumento tenha sido o mais citado pelos entrevistados.

O **Livro da Vida** é um registro da vida da turma, como se fosse um diário, onde as crianças registram o que acontece em cada dia, as decisões tomadas, as descobertas. Não há um padrão, nem regras para este livro. É mais um instrumento que mostra para as crianças uma das finalidades da escrita: o registro.

Porém, os registros não precisam ser sempre escritos. Eles são livres e a escolha da forma de registro é feita pelo grupo, podendo usar a escrita, desenhos, colagens e fotos, entre outros. O Livro da Vida pode ser grande ou pequeno, pode ser um caderno comum...

“*Eu tenho um caderno pra cada sala e eu chamo isso pra eles de livro da vida. E, muitas vezes quando eles querem escrever sobre as outras matérias, sobre as outras coisas, eles escrevem nesse caderno.*”, afirmou o professor de Ensino Médio e EJA na rede estadual de Campinas.

O Jornal de Parede

“constrói uma relação mais verdadeira, estimula a conversa, abre caminhos para solução dos problemas e as modifica, enfim, abre um caminho para que as crianças se fortaleçam sem medo, mostrando e expondo sua cara, sendo elas mesmas e confrontando suas idéias com as idéias dos outros membros do grupo.” (ZAGO & LAUDANI, 2003, p.99)

Como já afirmado anteriormente, trata-se de um instrumento que favorece a expressão e permite que as crianças sintam-se mais à vontade para expor seus conflitos e sentimentos. É um momento garantido para a resolução dos problemas, pra discussão sobre as críticas, propostas, perguntas e felicitações que aparecem nos bilhetes.

Porém, de acordo com uma das entrevistadas, é um instrumento que encontra certa dificuldade para ser trabalhado quando há mais de 1 professor responsável pela turma. A professora de História no Ensino Fundamental II da rede pública de Valinhos, afirmou que quando não há parceria com os outros professores, o Jornal de Parede fica pouco expressivo por ficar restrito às aulas de História apenas, enquanto que as questões que as crianças colocam no Jornal de Parede são gerais, podendo ter acontecido em diversos momentos, em diversas aulas, nos recreios, entradas e saídas, etc.

Por outro lado, o professor de Matemática do Ensino Médio e EJA da rede estadual de Campinas afirmou conseguir fazer um trabalho com Jornal de Parede em suas aulas no estado, porém, diferente do jeito que acontece em uma escola onde a proposta é baseada na Pedagogia Freinet e todos os professores trabalham com esta pedagogia.

“[...] Com o jornal de parede eu trabalho no estado, só que a gente não pode trabalhar com o Jornal de Parede como a gente faz na Curumim. Eu faço Jornal de Parede na minha aula, o eu pergunto, eu felicito, na minha aula tem esse jornal de parede... aí a gente coloca os bilhetes numa discussão, numa roda de conversa. Então, às vezes eu perco duas aulas, aliás, eu ganho duas aulas com essa discussão. (Professor de Matemática de Ensino Médio e EJA na rede estadual de Campinas)

Na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I esse instrumento pode ser trabalhado com mais expressividade, visto que as crianças têm apenas 1 professora. Porém, nas entrevistas as professoras não falaram muito do trabalho com o Jornal de Parede.

O Texto Livre é um instrumento que possibilita a livre expressão e que mostra à criança uma das funções da escrita que é comunicar. A criança coloca no papel suas ideias e as comunica quando outras pessoas entram em contato com sua produção. Sendo assim, é muito interessante que as crianças tenham a oportunidade de publicar seus textos, colocando-os nos jornais escolares, lendo-os nas rodas, expondo-os de alguma forma. Freinet propôs o Método Natural da Escrita, pretendendo

“[...] Libertar a escrita, a produção das crianças das amarras impostas pela escola, que determina métodos prescritivos, etapas a serem vencidas no processo de aquisição da linguagem escrita. O Método Natural da Escrita não desconsidera a importância da mediação, do papel do outro no processo de alfabetização da criança, mas considera os saberes que a criança traz, ‘naturalmente’, antes de chegar à escola.” (SILVA, 2011, p. 4)

A **Autoavaliação** proposta na Pedagogia Freinet tem o objetivo de fazer as crianças refletirem sobre seu próprio trabalho. Essa autoavaliação pode acontecer no decorrer de um projeto e/ou em sua conclusão, em uma roda de conversa ou até mesmo por escrito, pode ser diária ou acontecer no final de um determinado período. Na Pedagogia Freinet há vários instrumentos de avaliação, como a roda de conversa, os planos de trabalho, o trabalho com metas, o Livro da Vida e a autocorreção, entre outros.

Uma das entrevistadas relatou que a autoavaliação evita competições entre as crianças. *“Procuro realizar a autoavaliação... Individual, para que não se crie a competição entre as crianças.”* (Professora de Educação Infantil das redes municipais de Sumaré e Paulínia)

A professora de Ensino Fundamental I da rede municipal de Campinas afirmou que *“A avaliação é contínua, fazemos a autoavaliação semanal, textos sobre os temas estudados, apresentações das nossas pesquisas à turma, enfim, as crianças estão constantemente trabalhando e a avaliação segue junto, no fazer cotidiano.”*

Os **Complexos de Interesse** propostos por Freinet consistem em valorizar a curiosidade das crianças que é própria delas. Nas rodas de conversa, as curiosidades e interesses aparecem expressivamente e o professor, juntamente com todo o grupo, pode iniciar projetos a partir das questões colocadas pelas crianças na roda.

“Freinet propôs o trabalho a partir dos ‘complexos de interesse’, os quais emergiriam a partir do cotidiano da sala de aula e das experiências vividas fora dela e trazidas pelos diferentes sujeitos e que preveria, para seu desenvolvimento, o que hoje denominamos de trabalho inter e transdisciplinar, em que os conteúdos seriam planejados e desenvolvidos com as crianças a partir dos seus interesses e na medida em que fossem necessários para compreender as temáticas levantadas.” (ALMEIDA, 2009, p. 342)

Os Complexos de Interesse apareceram bastante nas falas dos entrevistados, não apresentando grandes dificuldades no trabalho nas redes públicas com essa prática,

principalmente pelo fato de serem os Complexos de Interesse os norteadores do trabalho com a Pedagogia Freinet.

A escolha do nome da turma, logo no início do ano, já é pautada na ideia de trabalhar com os Complexos de Interesse. O nome da turma revela muitos dos interesses das crianças por determinados assuntos.

“O que orienta essa prática de trabalho é a proposta dos Complexos de Interesses, que consiste em buscar relacionar as diversas áreas do conhecimento a partir de uma temática, na maioria das vezes, trazidas pelas crianças. Por exemplo, neste ano meus alunos elegeram a nome da turma, “Turma das estrelinhas”, descobrimos que existem estrelas do céu e do mar. As crianças se interessaram muito pelas estrelas do mar. Pesquisamos e descobrimos que as estrelas do mar são animais marinhos... Partindo disso eu, professora responsável por organizar e sistematizar os conteúdos a serem trabalhados pela turma, comecei a planejar meu trabalho com esse tema, buscando o que posso trabalhar neste assunto que envolve a escrita, as ciências, a matemática, a geografia, enfim, sempre pautada em meu planejamento de conteúdos anuais, nos PCNs e nas Diretrizes, documento que agora em 2011 a prefeitura passou a utilizar como referencial curricular.”
(Professora do Ensino Fundamental I da rede municipal de Campinas)

Em entrevista, o professor de Matemática de Ensino Médio e EJA da rede estadual de Campinas também contou um episódio relacionado aos complexos de interesse. Segundo ele

“[...] Uns dois alunos estavam discutindo sobre uma moto que eles tinham comprado, e o interesse deles lá, como são adultos e trabalham a noite, é em adquirir um automóvel e ter algum bem, né. E, aí a gente começou uma discussão sabendo quanto ele pagava naquela moto, como ele fez as prestações, quanto sairia se ele pagasse à vista, como é o juro composto, como é o juro simples, como cai numa regra de 3, como cai numa regra de 3 composta... E tudo isso foi puxado numa discussão que eu peguei num corredor entre dois alunos. Na hora que eu vi que aquele assunto inflamou, que todo mundo começava a discutir sobre aquilo, eu coloquei aquilo como início de conteúdo.”

Sendo assim, é possível trabalhar os conteúdos propostos a partir dos interesses dos alunos.

Contudo, faz-se necessário destacar que, assim como Freinet mesmo chegou a afirmar, não se pode apenas utilizar os instrumentos ou técnicas sem que haja sentido, sem que faça sentido. O professor que escolhe a Pedagogia Freinet, como já afirmado

anteriormente, precisa “ser Freinet” e não apenas “estar Freinet” em determinado momento.

3.4. A falta de parceria no trabalho com a Pedagogia Freinet

Em relação ao efetivo trabalho dos professores Freinet que atuam na rede pública de Campinas e região, a falta de parceria foi apontada por todos os entrevistados como o principal fator que interfere e atrapalha muito o trabalho deles.

“Acredito que a maior dificuldade de trabalho com a pedagogia Freinet na escola pública está relacionada com a falta de parcerias com outras professoras e também o não apoio da equipe gestora. Pois caso contrário, não vejo grandes impedimentos para realizar essa prática.” (Professora de Educação Infantil da rede municipal de Campinas)

Como foi visto anteriormente, a Pedagogia Freinet é um movimento que conta com a coletividade e a cooperação, as trocas e parcerias são muito importantes para a riqueza deste trabalho. Uma das entrevistadas afirmou: *“É muito bom poder contar com pessoas que acreditam na mesma coisa que a gente, isso fortalece o trabalho e impulsiona o professor.”*. Um professora da Educação Infantil, também entrevistada, afirmou que o trabalho com a Pedagogia Freinet não pode ser individual e, por isso, a falta de parceria atrapalha.

Faz-se necessário destacar que o trabalho, com qualquer pedagogia, é de fato prejudicado quando não há parceria. A professora de Ensino Fundamental I da rede municipal de Campinas afirmou que

“[...] A maior dificuldade que encontrei não está relacionada à Pedagogia Freinet, mas sim à falta de um coletivo de trabalho dentro da escola. Se não há coletivo, cada um faz o que bem entende, ou como prefiro dizer, o que entende bem, então diretamente a minha prática Freinet não vejo tanto prejuízo, o que esta falta de coletivo prejudica é muito mais do que meu fazer em sala de aula, é a escola como um todo”.

Já no Ensino Fundamental II e Ensino médio, a falta de parceria parece atrapalhar ainda mais, visto que os alunos têm mais de um professor em um único ano, cada professor responsável por uma disciplina.

A professora de História no Ensino Fundamental II da rede municipal de Valinhos afirmou que seu maior desafio no trabalho com a Pedagogia Freinet na rede pública é:

“Estabelecer parcerias e extrapolar o espaço da minha aula, alcançando uma vivência da pedagogia como proposta da escola. Também conseguir atuar num trabalho que parta do indivíduo, com tudo o que isso exige, para compartilhar no grupo, na coletividade, aprendendo a viver essa experiência também na interação com o outro.”

Segundo o professor de Ensino Médio e EJA da rede estadual de Campinas, a falta de parceria atrapalha muito, porque na troca de professor, o projeto com o qual ele estava trabalhando se modifica ou se perde.

Uma das entrevistadas, professora de História do Ensino Fundamental II da rede municipal de Valinhos destacou que *“alguns instrumentos da pedagogia ficam pouco expressivos, pois requerem apropriação coletiva que extrapola a aula, como o Jornal de Parede, por exemplo.”*

Apesar da falta de parceria ser um elemento que dificulta bastante o trabalho com a Pedagogia Freinet na rede pública de ensino, é importante destacar que ele não impede que o trabalho aconteça.

3.5. Número de alunos por sala e a Pedagogia Freinet

Segundo a Invariante nº 25 *“A sobrecarga das classes constitui sempre um erro pedagógico.”* (SAMPAIO, 2007, p.96)

De acordo com todos os professores entrevistados, o número de crianças por sala interfere muito no trabalho com qualquer pedagogia, independente do referencial teórico.

Freinet propôs salas de aula com número reduzido de alunos e sabemos que a realidade da maioria das escolas da rede pública de ensino é bem diferente: salas de aula superlotadas.

Nas entrevistas, professores relataram que há salas com 30, 40 e até com 53 alunos. Um dos entrevistados, professor de Ensino Médio e EJA da rede estadual de Campinas, afirmou: “Eu tenho no mínimo 42 e no máximo 53. Eu tenho sala com 53 alunos no estado!”.

E como seria possível pensar em uma educação de qualidade com 53 alunos em uma sala de aula?

Uma das professoras entrevistadas, afirmou que viu na Pedagogia Freinet a possibilidade de se trabalhar em uma sala com 30 crianças, sendo que muitas ainda não

estavam alfabetizadas em um 5º ano do Ensino Fundamental. O trabalho individualizado, de acordo com as necessidades de cada criança, bem como a constituição da turma como grupo, tornou possível o trabalho nessas condições.

3.6. Infraestrutura e o trabalho com a Pedagogia Freinet

Em “Para uma escola do povo”, FREINET (1995) afirma que há um mínimo necessário para que o trabalho eficaz se torne possível nas classes. Freinet ainda afirma que é necessário que haja natureza na escola e que

“[...] Se a escola não estiver situada no centro de uma natureza ‘auxiliante’, se nem sempre puder estar na proximidade de um bosque, de um rio, de rochedos, de terra de cultivo, é indispensável pelo menos que seja cercada e complementada por esse ambiente natural [...] Com seu quintal – horta e pomar -, seu prado, sua colmeia, seu viveiro de aves, sem esquecer os espaços livres para jogos, acampamentos, construções, etc.” (FREINET, 1996, p.52).

Mas aqui estamos falando de professores freinetianos em escolas tradicionais capitalistas, escolas estas que, muitas vezes têm muitas construções e pouca natureza. E esse não é o único problema enfrentado por esses professores com a infraestrutura.

Alguns entrevistados apontaram a infraestrutura como uma questão muito desafiadora no trabalho com a Pedagogia Freinet. A professora de História de Ensino Fundamental II afirmou que

“Freinet tem toda uma argumentação sobre as condições materiais que devem estar presentes para favorecer a transformação do ambiente da escola num canteiro de obras. O espaço físico da escola deve permitir a livre circulação e o uso de espaços outros que não seja só a sala de aula. Os materiais, ainda que simples e alternativos, devem ser variados para que permitam o desenvolvimento do potencial criativo e comunicador. O material também deve ser de fácil acesso ao aluno. Na escola pública essa infraestrutura é inexistente, não por falta de recursos financeiros, tão somente, mas principalmente pela resistência em manter a estrutura arcaica da escola.”

Nesse sentido, a infraestrutura influencia muito tendo em vista que Freinet propôs uma pedagogia onde a criança tem a possibilidade de escolha dentre uma gama de possibilidades. E se não há material para essa possibilidade, ou se o acesso é limitado, não há a opção de escolha. Por outro lado, é possível que o professor diminua

essa defasagem, criando materiais para disponibilizar aos alunos. A professora de Ensino Fundamental I da rede municipal de Campinas afirmou: *“Eu preparei meu material para ter opções de ateliês, fiz fichários, usando o xerox da escola, montei uma caixa de livros com livros da biblioteca, uma caixa de materiais de artes, com materiais comprados pela escola...”*

3.7. Vantagens da Pedagogia Freinet face aos métodos tradicionais de ensino

Os professores entrevistados relataram quais são, para eles, as principais vantagens da Pedagogia Freinet face aos métodos tradicionais de ensino. Eles afirmaram que as vantagens são o respeito ao aluno, a relação professor-aluno, a possibilidade das crianças serem questionadoras e ativas e a autonomia dos alunos. *“A Pedagogia Freinet nos proporciona a vantagem de um trabalho transformador, que permite a livre expressão de nossas crianças e a construção do pensamento crítico, cooperativo e humanizado.”*, afirmou a professora de Educação Infantil da rede municipal de Campinas.

“Nascemos todos nós seres humanos dotados da capacidade de sermos autônomos. Porém, os modelos tradicionais de ensino, ou como diria Freinet, a escolástica, tomam da criança esta capacidade, exercem sobre ela um domínio que a submete e domestica.”
(FERREIRA, 2011, p.36)

Os entrevistados também relataram que o ensino tradicional se apoia apenas nos conteúdos, deixando de lado os interesses e necessidades das crianças. Freinet percebeu que o interesse das crianças estava fora das salas de aula, que dentro delas não havia nada que lhes motivassem e começou a questionar os rígidos métodos educacionais. Porém é necessário destacar que

“A pedagogia Freinet não é uma proposta onde só se trabalha o que a criança propõe, nós professores temos o dever de organizar os conhecimentos que fazem parte do currículo, atrelando esse conhecimento ao interesse das crianças, tornando-os assim mais significativos.”
(Professora do Ensino Fundamental I da rede municipal de Campinas)

As crianças são curiosas e questionadoras e os métodos tradicionais insistem em impor os conteúdos a serem estudados, tornando as aulas desinteressantes e distantes dos reais interesses das crianças.

“Penso que atualmente as pessoas, em geral, são diferentes daquelas que se deixavam ‘ensinar’, são questionadoras, expressam suas dúvidas e curiosidades, quem sabe se por isso a pedagogia tradicional tem

resultados tão ruins como vemos nas escolas públicas onde ainda praticam os métodos convencionais. Nas escolas vemos ‘projetos’ que pretendem construir pessoas críticas, mas que não podem se expressar livremente; e criativas, mas que devem esperar as indicações do professor sobre o que devem fazer e em que momento.” (Professora de Educação Infantil das redes municipais de Sumaré e Paulínia.)

Segundo Freinet, para readaptar a escola e deixá-la mais próxima das necessidades de cada cidadão que a compõe, é necessário que façamos uma reflexão sobre o que queremos para e da educação. Se de fato queremos cidadãos críticos, ativos e reflexivos, não podemos impor às nossas crianças regras sem sentido, conteúdos distantes de seus interesses e de suas realidades, não podemos acreditar que somos, enquanto professores, detentores de todo saber. De acordo com a 1ª Invariante Pedagógica de Freinet, a criança é da mesma natureza que o adulto e, portanto, ela também é “*artesã de sua própria cultura*” (SAMPAIO, 2007).

Para Freinet (1996), a escola que insiste em uma concepção pedagógica ultrapassada já não serve mais nem para o presente e nem para o futuro, pois não prepara para a vida.

Uma das entrevistadas afirmou que as vantagens da Pedagogia Freinet face aos métodos tradicionais de ensino são muitas.

“Respeito ao ritmo da criança, possibilidade de trabalhar em ateliês, da criança ter autonomia para escolher e responsabilizar-se por seu trabalho, de trabalhar junto com o outro, a valorização da produção das crianças, o professor como alguém que está junto das crianças neste processo, está também aprendendo.” (Professora de Ensino Fundamental I da rede municipal de Campinas.)

Os métodos tradicionais de ensino pressupõem que as crianças têm o mesmo ritmo, que todas aprendem do mesmo jeito e, sendo assim, os trabalhos não são diferenciados. Na Pedagogia Freinet, em uma mesma classe, no mesmo período de tempo, cada criança pode estar fazendo um trabalho diferente. A organização em ateliês possibilita essa diversidade de trabalhos. A criança busca aquele trabalho que lhe é interessante e necessário e ela o faz em seu tempo, no seu ritmo, ela tem a opção de escolha dentre uma gama de possibilidades.

“Meus alunos vivem uma experiência escolar diversa da que conheciam nos anos anteriores. Eles podem opinar sobre quase tudo, escolher onde trabalhar, desenhar ou brincar nos jogos... Enfim, eles podem ser crianças

dentro da sala de aula. Acredito que são felizes!”
(Professora de Educação Infantil das redes municipais
de Sumaré e Paulínia)

E, segundo a Invariante nº 7, “*todos gostam de escolher seu próprio trabalho, mesmo que essa escolha não seja a mais vantajosa.*” (SAMPAIO, 2007, p.84)

Para Freinet qualquer cidadão deve ter seus direitos garantidos e

“À criança, sobretudo, era preciso dar o direito de viver plenamente como criança, sob todos os aspectos. Era necessário respeitá-la para que pudesse desenvolver suas capacidades e sua personalidade, sem afastar-se de uma finalidade social e humana mais ampla. Freinet era acima de tudo um humanista” (SAMPAIO, 2007, p.45)

Na Pedagogia Freinet a relação professor-aluno é acima de tudo uma relação humana, de respeito e aprendizado mútuo. E, para uma das entrevistadas, está aí a principal vantagem da Pedagogia Freinet face aos métodos tradicionais de ensino,

“A humanização das relações na escola. Saber reconhecer-se no outro, compreender que a essência nos aproxima. Essa humanização inclusive desvela o saber científico, pois aproxima e localiza o humano como produtor de conhecimento a partir da experiência do próprio aluno.” (Professora de História na rede municipal de Valinhos).

Sabe-se que para muitos adultos a criança ainda não é capaz de escolher sua aprendizagem de acordo com suas necessidades, por não ser vista como uma pessoa da mesma natureza que os adultos, por estar “vazia” e ainda precisar ser “preenchida”, por não saber ainda o que é melhor para ela. Assim, nas escolas tradicionais, a criança sempre está errada a priori e, portanto, o professor tende a procurar os erros ao ver os trabalhos da criança. Mas, o papel do mestre não é corrigir, mas sim ajudar a criança a conseguir e a superar o erro.

Na Pedagogia Freinet, a criança é vista como sendo da mesma natureza que o adulto e, portanto, capaz de escolher, capaz de organizar-se e participar do planejamento de seus trabalhos, capaz de dar o melhor de si para conseguir aprender. A criança participa do planejamento junto ao professor freinetiano, visto que pode acontecer – e não é raro que aconteça – do professor ter uma ideia e a criança ter outra para determinado momento de trabalho.

O professor que trabalha com uma proposta tradicional e fechada não se preocupa se a criança planejou para ela algo diferente para aquele momento, enquanto

que na Pedagogia Freinet é possível que haja um diálogo, uma negociação para que seja tomada uma decisão. É claro que o professor freinet também precisa planejar seu trabalho e organizar suas propostas para trabalhar com as crianças. Mas, a diferença está na plasticidade da Pedagogia Freinet que permite que o planejamento não seja engessado, que possa haver mudanças.

Considerações finais

O que atualmente chamamos de escola tradicional nem sempre foi assim. No decorrer da história, a escola sofre influência da sociedade e, portanto, se modifica. Sendo assim, é possível e necessário pensar e fazer mudanças quando se trata de uma escola que reproduz valores de uma sociedade capitalista como a competitividade, a meritocracia, a exploração e dominação.

Com o desenvolvimento do capitalismo, passou a ser necessário preparar rapidamente mão de obra para a produção. Assim, na escola que chamamos de tradicional a criança passou a ser forçada a fazer um trabalho sem ter o direito de escolha, a obedecer sem poder questionar e a ser comandada por uma autoridade que ameaça e controla com atribuição de notas e classificações. Contudo, de acordo com o Invariante nº 19, *“As notas e classificações constituem sempre um erro”*, pois tudo que a criança faz passa a ser mensurável, a nota passa a gerar uma sanção e, conseqüentemente, a competição e o individualismo começam a reinar nas salas de aula.

Ainda nesse processo, os conhecimentos básicos, necessários, foram transformados em conteúdos e, assim, os professores tradicionais passaram a impor estes conteúdos, sendo pressionados e pressionando, tendo pressa e enchendo as crianças de lições e informações muitas vezes desnecessárias naquele momento. Segundo o Invariante nº 8 de Freinet, *“Ninguém gosta de trabalhar sem objetivo, atuar como máquina, sujeitando-se a rotinas nas quais não participa.”*

Freinet andou na contramão ao propor uma revolução pedagógica na Educação, questionando a exacerbada importância que tem sido destinada ao progresso científico. Seu objetivo era melhorar as condições de trabalho na escola, propondo uma educação democrática, pautada em 4 eixos essenciais que são a **Livre Expressão**, a **Cooperação**, a **Autonomia** e o **Trabalho**.

Segundo Freinet, a criança é da mesma natureza do adulto e, portanto, tem direito de se expressar livremente, ser ativa, experimentar e ser autônoma. Para isso, Freinet propõe que os professores repensem suas práticas pedagógicas afim de não apenas instruir, mas sim educar.

Para Freinet, a realidade da educação não pode ser dissociada da realidade da sociedade em que está inserida e a compreensão dessa realidade possibilita condições necessárias para a transformação da sociedade. Porém, as escolas públicas atuais são inadequadas à realidade das crianças que as frequentam. Além disso, para a manutenção

do sistema capitalista, a classe dominante tira dos indivíduos o direito e a possibilidade de reflexão sobre seu papel na sociedade, sobre sua atuação no mundo em que vive.

Assim, Freinet buscou uma pedagogia capaz de atender a todas as crianças, independente de classe social, envolvendo as crianças no processo de aprendizagem e formando cidadãos críticos, capazes de lutar e fazer mudanças.

Freinet afirmara que a escola só é eficaz se atende às necessidades dos indivíduos e do coletivo.

“[...] Motivados por atividades que possuem sentido e finalidade (porque inseridas num contexto mais amplo de construção da própria vida), os educandos aprenderão através das suas experiências, como também através de aulas sistematizadas, onde ambos contribuem para a solução de problemas baseados na realidade social. Aprenderão a partir das suas reais necessidades como alunos concretos, inseridos numa comunidade concreta, com objetivos concretos (sempre com a orientação e participação ativa do professor).” (VILLELA, 1991, p. 54)

Felizmente, muitos professores vêm buscando diferentes alternativas no trabalho em escolas públicas, inclusive com a Pedagogia Freinet.

Alguns professores que escolheram a Pedagogia Freinet em escolas da rede pública de Campinas e região foram entrevistados e afirmaram enfrentar muitos desafios decorrentes da escolha de andar na contramão em escolas que se apoiam em valores do sistema capitalista. Esses professores destacaram a falta de parcerias e o número de alunos por sala como os maiores desafios enfrentados por eles. Porém, afirmaram e demonstraram que, apesar das grandes dificuldades, trata-se de um trabalho possível.

Em depoimentos, alguns dos entrevistados afirmaram que as crianças muitas vezes estão carregadas com a cultura tradicional de educação e, assim, se espantam quando descobrem que podem falar, expressar-se, questionar. Também em depoimento, um professor relatou que ao propor o trabalho em ateliês, inicialmente a sala vira um caos pois os alunos não estão acostumados a ter a liberdade e a possibilidade de trabalhar em grupo, de discutir e trocar informações com os colegas. Uma professora, também em depoimento, destacou que sua turma é considerada pelos outros professores como a turma mais “bagunceira” e falante da escola e ela afirmou que sua sala é viva, que as crianças debatem e discutem os assuntos, que trabalham em grupos, que dividem e compartilham ideias.

“Na minha opinião os alunos reagem muito bem às práticas e teorias da Pedagogia Freinet, mas como todo trabalho, requer paciência e construção. Não se constrói este trabalho da noite para o dia, é preciso experimentar e encontrar o seu jeito de trabalho dentro da pedagogia Freinet no contexto da escola pública.” (Professora de Educação Infantil da rede municipal de Campinas)

A falta de parceria foi considerada pelos entrevistados como o maior desafio encontrado por eles. Esse fator dificulta o trabalho pois, sem parceria não há troca e gera a sensação de trabalho solitário, isolado.

Os grupos e encontro entre professores freinet têm diminuído essa sensação de solidão entre esses professores e aumentado o desejo e a força para seguir em frente.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Luana. **Por que o Vini faz tanto xixi? Complexos de interesses na prática de ensino.** Educativa, Goiânia, v.12, n.2, p. 339-351, jul./dez. 2009

ELIAS, Marisa Del Cioppo. **Celestin Freinet: uma pedagogia de atividade e cooperação.** 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

FERREIRA, Gláucia de Melo. **Autonomia versus individualismo.** In: Revista Chão de escola, ano 1, nº1, 2011.

FERREIRA, Gláucia de Melo. (org) **Palavra de Professor(a): tateios e reflexões na prática da Pedagogia Freinet.** Campinas, SP : Mercado de Letras, 2003.

_____. **Saberes e Práticas escolares: idealismo ou materialismo?** Escola Curumim, Campinas. Jan. 2002. Disponível em: <<http://www.escolacurumim.com.br/reflexoes/>> Acesso em 28 Out. 2010

FREINET, Celestin. **Ensaio de Psicologia Sensível.** Vols I e II. Lisboa, Portugal: Presença, 1978.

_____. **L'Education Du Travail (A Educação do Trabalho).** Trad. de Maria E. G. G. Pereira. 1 ed. São Paulo : Martins Fontes, 1998.

_____. **Les techniques Freinet de l'ecole moderne (As técnicas Freinet da escola moderna).** Trad. de Silva Letra. 2 ed. Lisboa : Estampa, 1975.

_____. **Para uma escola do povo: Guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **Pedagogia do bom senso.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Ciclos, Seriação e Avaliação: confronto de lógicas.** 1 ed. São Paulo: Moderna, 2003.

SAMPAIO, Rosa M.W. **Freinet: Evolução histórica e atualidades.** São Paulo: Scipione, 2007.

SANTOS, Maria Lúcia dos. **“A vida na sala de aula freinetiana”.** In: Marisa Del Cioppo Elias (org.). Pedagogia Freinet: teoria e prática /. Campinas, SP: Papyrus, 1996. p. 33 – 39.

SILVA, Ana Flávia Valente Teixeira da. **O texto livre: qual é o sentido desta técnica? – Aspectos técnicos e semióticos desse instrumento da Pedagogia Freinet.** In: Revista Chão de escola, ano 1, nº1, 2011.

SISTE, Andrea F. **Roda de conversa.** In: FERREIRA, Gláucia de Melo. (org) **Palavra de Professor(a): tateios e reflexões na prática da Pedagogia Freinet.** Campinas, SP : Mercado de Letras, 2003.

VILLELA, Maria F. F. **A Pedagogia Freinet e a escola pública: uma nova abordagem para um velho problema.** In: Revista Pró-Posições, Campinas – nº4 – abril, 1991.

ZAGO, Heloísa F. & LAUDANI, Tânia. **O jornal de parede e o exercício da cidadania.** In: FERREIRA, Gláucia de Melo. (org) **Palavra de Professor(a): tateios e reflexões na prática da Pedagogia Freinet.** Campinas, SP : Mercado de Letras, 2003.

Bibliografia consultada

BACLET, Gerard (org.). **A Pedagogia Freinet por aqueles que a praticam.** São Paulo: Martins Fontes, 1976.

CAVALCANTI, Eduardo Antonio Gurgel. **Pedagogia Freinet: mediação para o social, o político e a formação de professores.** 2006. 276f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2006.

DIAS, Mariana M. **Avaliação escolar e Pedagogia Freinet: Possibilidades de olhares.** 2005. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

FERRARI, Márcio. **Célestin Freinet - O mestre do trabalho e do bom senso.** In: Revista Nova Escola, 2008. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/mestre-trabalho-bom-senso-423309.shtml>. Acesso em: 2 Set. 2010

FREINET, Elise. **O itinerário de Celestin Freinet. A livre expressão na Pedagogia Freinet.** São Paulo, Francisco Alves, 1979.

NASCIMENTO, Maria Evelyn Pompeu. **A Pedagogia Freinet: Natureza, Educação e Sociedade.** 1990. 113f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, 1990.

OLIVEIRA, Anne Marie Milon. **Célestin Freinet: raízes sociais e políticas de uma proposta pedagógica.** Rio de Janeiro: Papéis e Cópias de Botafogo Ltda, 1995.

ROCHA, Eloisa A. C., **A Educação da Criança: Antigos Dilemas, Novas Relações.** Revista Pátio, Ano II - Nº 07 - Educação Infantil – Nov. 1998/Jan. 1999. Disponível em: http://www.revistapatio.com.br/sumario_conteudo.aspx?id=82. Acesso em 24 Set. 2010.

SAMPAIO, Rosa M.W. **A aula das descobertas: segundo Freinet.** São Paulo, 2005. Disponível em: http://aprendiz.uol.com.br/downloads/educacao_comunitaria/aula.doc. Acesso em: 21 Set. 2010.

SILVA, Ana Flávia Valente Teixeira da. **Nesta tribo cabem todos: a Escola Curumim e a inclusão escolar.** 2004. 79f. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

ANEXOS

Entrevista 1

Qual é sua formação?

“Eu me formei em Pedagogia na UFSCar, Universidade Federal de São Carlos, no ano de 2007.”

E, há quanto tempo você exerce a profissão de professor?

“Eu trabalho como professora há 5 anos.”

Você trabalha em qual rede de ensino?

“Minha unidade educacional é o Cemei Lídia Bercardine Maselli, no bairro Jardim Capivari, que é uma unidade de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Campinas.

E eu trabalho também na Escola Curumim em Campinas, uma escola particular que é fundamentada na Pedagogia Freinet. Foi na Curumim que iniciei meu trabalho como professora.”

Há quanto tempo você trabalha na rede pública de ensino?

“Trabalho na rede pública desde 2009... faz três anos e meio.”

E, você me disse que trabalha em um CEMEI, então você trabalha com Educação Infantil, certo? Em qual agrupamento?

“Isso... Leciono no chamado Agrupamento III da Educação Infantil. Este agrupamento contempla crianças de quatro a seis anos de idade... É o último agrupamento antes das crianças de seis anos irem para o 1º ano do ensino fundamental e as crianças de quatro e cinco anos permanecem mais de um ano neste agrupamento.”

Como você conheceu a Pedagogia Freinet?

“Conheci a Pedagogia Freinet enquanto Ciência da Educação na faculdade, tive apenas uma disciplina durante todo o curso que se referenciou em Freinet. Mas, enquanto aluna da Educação Infantil e do Ensino Fundamental tive a feliz oportunidade de estudar na Escola Curumim, na qual leciono atualmente.”

Você participou de algum curso sobre a Pedagogia Freinet? Há quanto tempo?

“Participei de um curso sobre Pedagogia Freinet na Escola Curumim em 2007, e atualmente participei do 1º Encontro Campinas de Educadores Freinet.”

Você procura se atualizar e continua estudando as propostas da Pedagogia Freinet com frequência?

“Procuro constantemente aprofundar meus conhecimentos sobre a Pedagogia Freinet através de leituras, discussões e comunicações sobre essa pedagogia.”

Por que você escolheu trabalhar com a Pedagogia Freinet na escola pública?

“Minha escolha em trabalhar a Pedagogia Freinet na escola pública foi uma consequência de um trabalho que eu já havia iniciado na Escola Curumim. Quando ingressei na rede, já trabalhava na Curumim e toda minha experiência se referenciava na prática Freinet, o que me levou a experimentar tal pedagogia também na rede pública. No início encontrei inúmeras dificuldades para trabalhar Freinet num outro contexto e realidade social, não porque a Pedagogia Freinet não se aplicasse aquele contexto, muito pelo contrário, mas porque eu ainda precisava me assegurar em minha prática e em minha identidade de professora Freinet.”

Você costuma trocar informações, conhecimentos e práticas com outros professores freinet? De que forma?

“Costumo trocar experiências e informações sobre a prática Freinet com os professores da Curumim, através de conversas e reuniões pedagógicas. Com os professores da rede essa troca ainda é menor, pois eles não trabalham com essa pedagogia. Mas, mesmo sem trabalhar diretamente com a Pedagogia Freinet, tem muitas professoras na minha escola interessadas em Freinet, algumas já fizeram um curso com a Ruth Joffily oferecido pela prefeitura e se mostram abertas para experimentar esse trabalho. Atualmente já estabeleço algumas parcerias de trabalho com minhas ‘vizinhas’ de sala.”

Então, você tem parceiros em seu trabalho com a Pedagogia Freinet na escola onde você atua?

“Tenho algumas parcerias pontuais, em algumas situações, mas não tenho uma parceria de trabalho diário com a pedagogia Freinet.”

E, para você, a falta de parceria atrapalha o trabalho com a Pedagogia Freinet?

“Acho que atrapalha sim! Pois acredito que o trabalho com educação não se faz sozinho, é muito bom poder contar com pessoas que acreditam na mesma coisa que a gente, isso fortalece o trabalho e impulsiona o professor.”

Você tem apoio da equipe gestora em seu trabalho com a pedagogia Freinet?

“Sim, total apoio. A gestão inclusive gosta muito da pedagogia Freinet e já realizou estudos sobre Freinet nas reuniões pedagógicas. Eles estimulam o uso de algumas ferramentas da pedagogia Freinet, como livro da vida e ateliês, que lá chamamos de ‘cantinhos’.”

E, você trabalha com quais instrumentos da Pedagogia Freinet?

“Na rede consigo trabalhar com a Roda de Conversa, Livro da Vida , Ateliês e Projetos. Procuo também trabalhar os ‘conceitos teóricos-filosóficos’ de Freinet relacionados à autonomia e cooperação entre as crianças.”

Como se dá o processo de avaliação em sua classe?

“Procuo avaliar os alunos diariamente, observo a relação que cada um estabelece com o grupo, auto-conhecimento, tempo de concentração em roda, envolvimento com as atividades e projetos desenvolvidos na turma, elaboração de desenho e hipóteses matemáticas e de escrita. Duas vezes por ano escrevo um relatório individual de cada aluno e entrego para os pais.”

Você trabalha com os complexos de interesse? De que forma?

“Sim. Geralmente os complexos de interesse do grupo são verbalizados nas rodas de conversa. Naturalmente as crianças manifestam seus interesses... Algumas vezes exploramos esses complexos com conversas e aprofundamento com o tema, outras vezes esses complexos se tornam projetos mais longos. Essa necessidade é o grupo que me mostra.”

E, quantos alunos há em sua sala de aula?

“As turmas do AG III são formadas por 30 crianças para apenas uma professora. Mas, a frequência diária dos alunos na minha turma é de 25 crianças, aproximadamente.”

Para você, o número de alunos por sala interfere no trabalho com a Pedagogia Freinet? Por quê?

“Eu acredito que o número de alunos por sala interfere no trabalho de qualquer pedagogia. As crianças demonstram grande necessidade de atenção para que se desenvolvam plenamente, de modo que o número elevado de alunos dificulta e compromete o desenvolvimento de um trabalho organizado e saudável para todos os envolvidos no processo.”

E, a infraestrutura? Você acha que ela também influencia no trabalho com a Pedagogia Freinet? Por quê?

“Uma boa infraestrutura contribui imensamente para o desenvolvimento de um trabalho com qualidade na educação, na medida em que podemos viabilizar nossas ideias e as diferentes possibilidades de trabalho com as crianças. A falta de estrutura muitas vezes impede a realização de atividades fundamentais para as crianças.”

Em sua opinião, como seus alunos reagem ao trabalho com a Pedagogia Freinet?

“Na minha opinião os alunos reagem muito bem às práticas e teorias da Pedagogia Freinet, mas como todo trabalho requer paciência e construção. Não se constrói este trabalho da noite para o dia, é preciso experimentar e encontrar o seu jeito de trabalho dentro da pedagogia Freinet no contexto da escola pública. No início as crianças testam nosso trabalho por ser diferente e mais livre do que eles estão acostumados, mas depois compreendem bem a nova dinâmica de trabalho e se mostram comprometidos com a organização de nosso trabalho.”

E, como os pais/responsáveis de seus alunos reagem ao trabalho com a Pedagogia Freinet?

“Os pais de meus alunos sempre reagiram muito bem ao meu trabalho com a Pedagogia Freinet, observam o envolvimento dos filhos com a escola e a relação que criamos enquanto grupo. Muitas vezes eles não percebem essa proposta diferente de trabalho, mas percebem os filhos felizes e isso já os alegra muito.”

Para você, qual é o maior desafio no trabalho com a Pedagogia Freinet na Escola Pública? Por que?

“Acredito que a maior dificuldade de trabalho com a pedagogia Freinet na escola pública está relacionada com a falta de parcerias com outras professoras e também o não apoio da equipe gestora. Pois caso contrário, não vejo grandes impedimentos para realizar essa prática. É claro que a falta de materiais e

estrutura física comprometem o trabalho, mas não impedem. Pois em minha opinião, o trabalho com a pedagogia Freinet está para muito além do uso das ferramentas e grandes produções dos alunos... Ele também está relacionado com nossa postura enquanto educadora, procurando manter viva a filosofia e as questões políticas da Pedagogia Freinet, além da forma de organização do trabalho. É preciso ser sensível aos interesses e às necessidades de trabalho dos nossos alunos, ouvi-los e permitir que se expressem em suas diferentes linguagens.”

Para você, qual a principal vantagem da pedagogia Freinet face aos métodos convencionais de ensino?

“Todas! (risos)

Acho que os métodos tradicionais de ensino não constroem uma relação de trabalho produtivo e significativo no processo educacional e formativo dos alunos. Minimiza as potencialidades e relações das crianças, não considerando suas necessidades e interesses, de modo que o conteúdo se torna o maior objetivo. Frente a isso, a Pedagogia Freinet nos proporciona a vantagem de um trabalho transformador, que permite a livre expressão de nossas crianças e a construção do pensamento crítico, cooperativo e humanizado.”

Entrevista 2

Qual é sua formação?

“Eu fiz magistério na Carlos Gomes, em nível de segundo grau. A graduação fiz em Pedagogia na UNICAMP e a pós-graduação em nível de mestrado, também na UNICAMP.”

Há quanto tempo você exerce a profissão de professor?

“Há 12 anos sou professora, e na rede pública.”

Em qual rede de ensino você trabalha atualmente?

“Trabalho nas redes de Sumaré e Paulínia.”

E, qual é o grau de ensino no qual você leciona?

“Eu leciono na Educação Infantil.”

Como você conheceu a Pedagogia Freinet?

“No magistério fiz o primeiro contato... Elaboramos um trabalho sobre Célestin Freinet e sua proposta.

Depois trabalhei com essa fundamentação teórica na EMEI Neusa, em Paulínia.”

Você participou de algum curso sobre a Pedagogia Freinet?

“Participo sempre que possível dos encontros.”

Então, você procura se atualizar e continua estudando as propostas da Pedagogia Freinet com frequência?

“Sim! Continuo estudando e me surpreendendo sempre!”

E, você costuma trocar informações, conhecimentos e práticas com outros professores Freinet?

“Sim... mantenho contato com alguns professores que participam dessa prática pedagógica... E pela lista da Repef também.”

Por que você escolheu trabalhar com a Pedagogia Freinet na escola pública?

“Porque essa proposta proporciona à criança a construção de seu conhecimento, da moralidade e outros valores tão importantes na formação dos indivíduos.”

Há quanto tempo você trabalha com a Pedagogia Freinet?

“Trabalho com a Pedagogia Freinet desde 2003.”

Com quais instrumentos da Pedagogia Freinet você trabalha?

“Utilizo quase todos, pois como trabalho com crianças de 5 e 6 anos exploramos os assuntos com a oralidade, desde o planejamento do dia, as atividades... até a avaliação.

Não dispomos de meios para explorar a técnica da imprensa em sala de aula, mas elaboramos textos coletivos que são ilustrados pelas crianças.”

E, como se dá o processo de avaliação em sua classe?

“Procuro realizar a autoavaliação... Individual, para que não se crie a competição entre as crianças.”

Você trabalha com os complexos de interesse?

“Na roda da conversa as crianças falam de suas preferências, curiosidades e interesses que podem se transformar em projetos, dependendo da aceitação do grupo.”

Quantos alunos há em sua sala de aula?

“Em Sumaré tenho 29 de 5 ou 6 anos... E, em Paulínia o número é menor, são 18.”

Para você, o número de alunos por sala interfere no trabalho com a Pedagogia Freinet?

“O trabalho pedagógico requer atenção, tempo para discussão dos assuntos, espaço para que as crianças se manifestem... Em qualquer modelo de prática pedagógica o número de crianças interfere.

Os mais prejudicados são as crianças que têm alguma variação quanto a capacidade de se concentrar, por deficiência física ou instabilidade emocional... Elas precisam de maior atenção do professor e não têm, pois ele estará sempre muito ocupado.”

Você tem parceiros em seu trabalho com a Pedagogia Freinet na escola onde você atua?

“Tenho uma amiga... Trabalhamos com o mesmo nível, jardim II, com crianças de 5 e 6 anos.”

E, você acha que a falta de parceria atrapalha o trabalho com a Pedagogia Freinet?

“O nosso trabalho não pode ser individual porque a construção de conhecimento é, antes de tudo, um trabalho coletivo. Quando o grupo é maior e divide suas dúvidas e conquistas, multiplica as possibilidades para resolver suas questões e encontra melhores maneiras para trabalhar.”

Você tem apoio da equipe gestora em seu trabalho com a pedagogia Freinet?

“Não! Somente me aturam.”

Você acredita que a infraestrutura influencia no trabalho com a Pedagogia Freinet?

“Não, a proposta de Freinet pode ser desenvolvida em qualquer espaço físico! Entendo que o espaço escolar, o grupo gestor e as outras professoras é que complicam a vida de quem quer utilizar outra metodologia.”

Então, para você são estes os maiores desafios no trabalho com a Pedagogia Freinet na Escola Pública? Por quê?

“Na escola pública ainda é exigido que os professores atuem, como diria Freinet, ‘como uma boiada’. Se uma criança quer elaborar algo diferente, deve ser reconduzida ao rebanho, é uma estranha. Geralmente o grupo gestor não quer também professores que pensam, que discutem suas ordens, querem professores novilhas...obedientes.”

Em sua opinião, como seus alunos reagem ao trabalho com a Pedagogia Freinet?

“Meus alunos vivem uma experiência escolar diversa da que conheciam nos anos anteriores. Eles podem opinar sobre quase tudo, escolher onde trabalhar, desenhar

ou brincar nos jogos... Enfim, eles podem ser crianças dentro da sala de aula. Acredito que são felizes!”

Em sua opinião, como os pais/responsáveis de seus alunos reagem ao trabalho com a Pedagogia Freinet?

“No início eles me estranham, depois quando percebem que seus filhos contam como trabalhamos ficam entusiasmados, geralmente ajudam no que depende deles.”

Para você, qual a principal vantagem da pedagogia Freinet face aos métodos convencionais de ensino?

“Penso que atualmente as pessoas, em geral, são diferentes daquelas que se deixavam ensinar... São questionadoras, expressam suas dúvidas e curiosidades, quem sabe se por isso a pedagogia tradicional tem resultados tão ruins como vemos nas escolas públicas onde ainda praticam os métodos convencionas. Nas escolas vemos projetos que pretendem construir pessoas críticas, mas que não podem se expressar livremente, e criativas, mas que devem esperar as indicações do professor sobre o que devem fazer e em que momento.”

Entrevista 3

Qual é sua formação?

“Fiz Pedagogia na Unicamp, uma pós em Neuropsicologia Infantil, na FCM da mesma universidade e hoje curso mestrado no grupo GPPL.”

Há quanto tempo você exerce a profissão de professor?

“Desde a época da graduação, em 2000, comecei como professora auxiliar (antes de me formar). Então ao todo são 12 anos.”

Qual é a rede de ensino na qual você trabalha?

“Trabalho na rede Municipal de Campinas, em uma EMEF no San Martins.”

Há quanto tempo você trabalha na rede pública de ensino?

“Desde março de 2010.”

Qual é o grau de ensino no qual você leciona?

“Leciono no Ensino Fundamental I, Ciclo I.”

Como você conheceu a Pedagogia Freinet?

“Ouvi pela 1ª vez numa disciplina de Didática, ministrada pelo prof. Luiz Carlos, se não me engano no 4º semestre da Pedagogia. Tínhamos que preparar seminários sobre diferentes educadores, teóricos, e meu grupo escolheu Freinet.

No ano seguinte, cursei uma disciplina eletiva com a professora Maria Teresa Mantoan, e ela retomou Freinet. Decidi então que no semestre seguinte cursaria “Atividades Livres” e pesquisaria Freinet. Comecei, então, as leituras e acabei chegando à Escola Curumim, para fazer estágio. A partir daí comecei a ler e estudar Freinet... isso se tornou meu TCC.”

Você participou de algum curso sobre a Pedagogia Freinet? Há quanto tempo?

“Sim... Na Curumim acho que em 2002, quando comecei a estagiar lá...”

E dos encontros de educadores Freinet, nacionais e internacionais, como ENEFs Campinas, Caruaru e Curitiba, RIDEFs em Metepec, México e Nantes, França.

O último encontro foi agora no início de maio, I Encontro Campinas de Educadores Freinet.”

Então, você procura se atualizar e continua estudando as propostas da Pedagogia Freinet com frequência?

“Sempre! Sempre releio as obras de Freinet, buscando dialogar com outras leituras, contextualizar os escritos de Freinet e tornar também pertinente à nossa realidade atual, temos sempre que buscar dialogar... Freinet não pode ser visto como um deus como muita gente do movimento Freinet vê!

Meu mestrado é sobre Freinet e Vigotski, busco investigar o Texto livre, redimensionando-o na perspectiva vigotskiana.”

Além disso, você costuma trocar informações, conhecimentos e práticas com outros professores Freinet?

“Sim, com a Cíntia, que é da minha escola também, em discussões e conversas sobre nosso fazer e também por email através da Repef, uma rede virtual de educadores Freinet.

Nesta semana recebi um convite que, considero o mais importante de meu percurso profissional. Duas professoras da EMEF do Jardim São Marcos, bairro que fica ao lado do bairro da nossa EMEF, me convidaram para dar uma espécie de tutoria em pedagogia Freinet. Elas já têm uma prática inspiradas nesta proposta e querem uma orientação mais direta no trabalho. Não sei de que forma podemos viabilizar isso, mas fiquei muito feliz com a proposta, sempre quis trazer Freinet para a rede.”

E, então, por isso você escolheu trabalhar com a Pedagogia Freinet na escola pública?

“Na verdade me tornei professora numa escola Freinet, não sei fazer de outro jeito, além do que Freinet era um professor de escola pública, sua teoria, sempre pautada em sua prática em sala de aula, foi pensada para a escola pública. Ele era um militante, influenciado pelas teorias marxistas, não tem como desvincular a Pedagogia Freinet da escola pública. Aliás desde que tomei contato com a Pedagogia Freinet, meu objetivo era a escola pública, mas no ano em que me formei não teve concurso, eu acabei me efetivando como professora titular na Curumim, depois de dois anos teve o concurso do Estado, mas na época eu achava que era melhor continuar na Curumim, aprendendo e depois tentar entrar na Prefeitura. Em

2010 entrei na Prefeitura, e foi o 1º. Concurso da prefeitura de Campinas depois que me formei... Foram 10 anos sem concurso!”

Há quanto tempo você trabalha com a Pedagogia Freinet?

“Há 8 anos.”

Com quais instrumentos da Pedagogia Freinet você trabalha?

“Trabalho com roda de conversa, livro da vida, texto livre, ateliês, correspondência, autoavaliação semanal e os complexos de interesse, que não são instrumentos, mas princípios do trabalho, o que fundamenta, sustenta o fazer em sala de aula.

O que orienta essa prática de trabalho é a proposta dos Complexos de Interesses, que consiste em buscar relacionar as diversas áreas do conhecimento a partir de uma temática, na maioria das vezes, trazidas pelas crianças. Por exemplo, neste ano meus alunos elegeram a nome da turma, “Turma das estrelinhas”, descobrimos que existem estrelas do céu e do mar. As crianças se interessaram muito pelas estrelas do mar. Pesquisamos e descobrimos que as estrelas do mar são animais marinhos... Partindo disso eu, professora responsável por organizar e sistematizar os conteúdos a serem trabalhados pela turma, comecei a planejar meu trabalho com esse tema, buscando o que posso trabalhar neste assunto que envolve a escrita, as ciências, a matemática, a geografia, enfim, sempre pautada em meu planejamento de conteúdos anuais, nos PCNs e nas Diretrizes, documento que agora em 2011 a prefeitura passou a utilizar como referencial curricular.”

Além da autoavaliação, como se dá o processo de avaliação em sua classe?

“A avaliação é contínua, fazemos a autoavaliação semanal, textos sobre os temas estudados, apresentações das nossas pesquisas à turma, enfim, as crianças estão constantemente trabalhando e a avaliação segue junto, no fazer cotidiano. Mas temos também as avaliações que são comuns aos três 3 terceiros anos, que nós professoras dos terceiros anos pensamos juntas, sempre ligadas ao trabalho, aos projetos da Turma. Esse tipo de avaliação é meio que padrão, todos os anos fazem avaliações ao final do trimestre para verificar o conteúdo trabalhado.

As outras professoras dos terceiros anos não são ‘Freinet’, e já são parceiras desde 2009, ou seja, eu me encaixo nas brechas, no último trimestre, por exemplo, os três terceiros tinham que trabalhar a cidade de Campinas. Como estamos nos correspondendo com uma turma de uma escola Freinet em Piraquara, aproveitei

para começar o assunto de Campinas, propondo que a gente falasse da nossa cidade aos nossos correspondentes. Não posso negar aos meus alunos os saberes historicamente construídos, a pedagogia Freinet não é uma proposta onde só se trabalha o que a criança propõe, nós professores temos o dever de organizar os conhecimentos que fazem parte do currículo, atrelando esse conhecimento ao interesse das crianças, tornando-os assim mais significativos.”

Você falou um pouco de parceria. Você tem parceiros em seu trabalho com a Pedagogia Freinet na EMEF?

“Quando eu cheguei, em março de 2010, estava sozinha, tinha apenas o apoio de meu orientador pedagógico e da diretora.

Em abril chegou a Cinthia. Eu trabalhava com o 5º. B e ela com o 5º. C. Ela, assim como eu quando cheguei, se desesperou ao ver a enorme defasagem que a turma apresentava. Nossas turmas tinham cada uma 30 alunos e desses 30, 10 não eram alfabetizados!

Foi neste momento que falei para ela sobre Freinet, pois era a única possibilidade que eu via de trabalhar com a diversidade da turma!

Aos poucos ela foi incorporando os instrumentos em sua prática, trabalhamos muito juntas, juntas ingressamos num projeto da Fapesp, orientado pela prof. Ana Luiza Smolka, do GPPL.

Este ano não estou mais com um 5º ano. Mas, hoje outros dois professores, parceiros da Cinthia no 5º ano, incorporaram alguns instrumentos como texto livre e correspondência.

Ainda tenho o ideal de “contaminar” a escola toda com as ideias de Freinet, temos toda 4ª. Feira um grupo de estudos sobre os Ciclos e neste grupo minha fala é sempre marcada, propositalmente, pela prática freinetiana, com o intuito de mostrar essa proposta de trabalho que tanto acredito.”

Para você, a falta de parceria atrapalha o trabalho com a Pedagogia Freinet?

“Acho que sim, mas sabemos que, no movimento Freinet, é muito comum encontrarmos professores que fazem seus trabalhos isolados em suas salas de aula, pois a pedagogia Freinet reflete uma postura profissional, uma convicção política do caráter transformador da educação. Acredito que o professor que assume essa pedagogia assume muito mais do que um fazer pedagógico, por isso é difícil que uma rede ou uma gestão imponha essa proposta pedagógica aos seus professores!”

Você falou de seu orientador pedagógico e da diretora. Então, você tem apoio da equipe gestora em seu trabalho com a Pedagogia Freinet?

“Recebi carta branca para fazer meu trabalho, além da garantia dos 25 alunos por sala, isso é um objetivo para escola como um todo, não apenas para as salas Freinet.”

Então, você tem 25 alunos em sua sala de aula?

“Hoje tenho 25, pois houve um movimento muito forte da gestão da minha EMEF em garantir esse número de alunos por sala. Este ano estou com 1º ano.

Em 2010 eu tinha um 5º ano com 30 crianças e em 2011 um 3º ano com 27, eram 30, mas três mudaram de escola, pois mudaram de bairro.”

Para você, o número de alunos por sala interfere no trabalho com a Pedagogia Freinet?

“Sem duvida interfere! Mas não apenas na Pedagogia Freinet, penso que um trabalho de qualidade, independente do referencial teórico adotado, depende sim da quantidade de alunos por sala!”

E, você acredita que a infraestrutura influencia no trabalho com a Pedagogia Freinet?

“A pedagogia Freinet não necessita de muitos recursos, no começo eu estranhava o espaço físico da sala de aula, hoje já aprendi a trabalhar nele e nem acho que é tão pequeno como eu achava...”

Eu preparei meu material para ter opções de ateliês, fiz fichários, usando o xerox da escola, montei uma caixa de livros com livros da biblioteca, uma caixa de materiais de artes, com materiais comprados pela escola ...”

Em sua opinião, como seus alunos reagem ao trabalho com a Pedagogia Freinet?

“Em 2010 minha turma de 5º ano já tinha uma experiência escolar maior, portanto foi mais fácil convencê-los de que o meu jeito era bom. Eles conseguiram perceber que um jeito diferente do tradicional podia ser bom... Observo que os pequenos, ainda se sentem seguros com propostas mais fechadas. Indago se a escola ainda não os marcou tanto negativamente como observava no meu 5º ano...”

Mas eles reagem bem às propostas de trabalho, no início houve um estranhamento, que os meus alunos do 5º ano não mostraram, eles se empolgaram logo de cara, mas hoje o trabalho flui melhor.”

Em sua opinião, como os pais/responsáveis de seus alunos reagem ao trabalho com a Pedagogia Freinet?

“Eu faço logo no início do ano uma reunião para explicar a proposta, mas vejo pouca participação, eles vão à reunião mas não falam muito... É essa cultura escolar que eles conhecem: o professor fala e pronto!

Eles não questionam, aceitam passivamente! Isso me deixa desesperada! Que escola é essa que os pais não se sentem no direito de falar, de reclamar, questionar? Mas, nas reuniões trimestrais que faço eu atendo quase que individualmente, faço duplas ou trios, mostro o trabalho das crianças, fotos, vídeos, entrego o portfólio de cada criança e eles parecem satisfeitos.”

Para você, qual é o maior desafio no trabalho com a Pedagogia Freinet na Escola Pública?

“A visão equivocada que os colegas têm dessa proposta, acredita-se muito no *laissez faire*, entende-se que a pedagogia Freinet é permissiva, não diretiva e não é!

Acho que a maior dificuldade que encontrei não está relacionada à Pedagogia Freinet, mas sim à falta de um coletivo de trabalho dentro da escola. Se não há coletivo, cada um faz o que bem entende, ou como prefiro dizer o que entende bem, então diretamente a minha prática Freinet não vejo tanto prejuízo, o que esta falta de coletivo prejudica é muito mais do que meu fazer em sala de aula, é a escola como um todo.”

Qual a principal vantagem da pedagogia Freinet face aos métodos convencionais de ensino?

“São muitas, creio eu! Respeito ao ritmo da criança, possibilidade de trabalhar em ateliês, da criança ter autonomia para escolher e responsabilizar-se por seu trabalho, de trabalhar junto com o outro, a valorização da produção das crianças, o professor como alguém que está junto das crianças neste processo, está também aprendendo. Claro que o professor, por sua experiência, não está no mesmo nível que a criança, mas nesta pedagogia não ocupa o papel do “detentor do saber”. Ter como eixos o trabalho, a cooperação, a livre expressão e a autonomia fazem toda a diferença na Pedagogia Freinet!”

Entrevista 4

Qual é sua formação?

“Eu tenho licenciatura plena em matemática, formado na Universidade de São Francisco e fiz uma especialização chamada modelagem matemática na Unicamp e fiz outra especialização também em modelagem matemática na USP em São Paulo, tudo relacionado com matemática.”

Há quanto tempo você exerce a profissão de professor?

“Como professor eu estou há 21 anos já.”

Qual é a rede de ensino na qual você trabalha?

“Eu trabalho na Curumim, que é um colégio particular e trabalho no Estado também.”

Há quanto tempo você trabalha na rede pública de ensino?

“É na rede pública que eu estou há 21 anos.”

Qual é o grau de ensino no qual você leciona?

“Eu lecionei na escola estadual desde a 5ª série do primário até o terceiro colegial. Hoje em dia eu trabalho com 1º, 2º e 3º colegial e ensino EJA que é o supletivo do colegial também.”

Como você conheceu a Pedagogia Freinet?

“Eu conheci a pedagogia Freinet em 2001... Não, foi em 1998, com uma professora que deu aula na Unicamp, chamada Gláucia, que depois de um tempo eu vim saber que ela era diretora do colégio que eu estou trabalhando hoje. Eu estou trabalhando com a Pedagogia Freinet desde aquela época né, tateando e aprendendo e mexendo com essa pedagogia, buscando informações sobre ela. E achei uma pedagogia muito boa, uma coisa que sempre gostei de trabalhar.”

Você procura se atualizar e continua estudando as propostas da Pedagogia Freinet com frequência?

“Sempre procuro e todo ano eu costumo me atualizar, pesquisar, correr atrás, ler as coisas que eu já havia lido e ler coisas novas pra poder estar me atualizando. Às vezes a gente lê uma coisa e não interpreta ela de uma forma direita né, então a gente lê e quando eu tenho dúvidas eu peço auxílio da minha coordenadora da Curumim e também da diretora do colégio.”

Por que você escolheu trabalhar com a Pedagogia Freinet na escola pública?

“Eu escolhi trabalhar com a Pedagogia Freinet... (risos) Isso é uma coisa engraçada de me perguntar, porque o professor quando conhece uma pedagogia nova, ou ele trabalha com ela, ou ele não trabalha com ela. Ele não pode ser um professor numa escola e um outro professor na outra. Se ele trabalha com a Pedagogia Freinet, ele trabalha com a Pedagogia Freinet, é um método, é um jeito de trabalhar e esse jeito, no meu ponto de vista, é o jeito que chega mais até o aluno e que ensina melhor o conteúdo, porque eles vêm na prática o que eles estão vendo na teoria. Então, chegando até o aluno, eu consigo explicar melhor. É mais difícil aplicar né, do que o método tradicional, mas é um meio muito mais fácil de você ensinar porque eles aprendem com prazer. Então, eu não tenho como não fazer, eu sou Freinet, eu não posso não ser Freinet.”

Você costuma trocar informações, conhecimentos e práticas com outros professores freinet?

“Eu tenho a felicidade de trabalhar numa escola Freinet, então é dessa forma que eu troco as experiências. A gente conversa muito, todo tempo.

Com quais instrumentos da Pedagogia Freinet você trabalha?

Olha, eu não costumo nomear os instrumentos assim, mas com o jornal de parede eu trabalho no estado, só que a gente não pode trabalhar com o Jornal de Parede como a gente faz na Curumim. Eu faço Jornal de Parede na minha aula, o eu pergunto, eu felicito, na minha aula tem esse jornal de parede... aí a gente coloca os bilhetes numa discussão, numa roda de conversa. Então, às vezes eu perco duas aulas, aliás, eu ganho duas aulas com essa discussão. E as minhas aulas são sempre muito respeitosas, eles gostam muito de fazer esse tipo de coisa, e muitos deles falam assim ‘nossa, a gente pode falar?’, e isso pra mim é fundamental no trabalho. Então, esse é o principal instrumento que eu trabalho, tá?

A auto avaliação, o livro da vida... Eu tenho um caderno pra cada sala e eu chamo isso pra eles de livro da vida. E, muitas vezes quando eles querem escrever sobre as outras matérias, sobre as outras coisas, eles escrevem nesse caderno. E, o que é fundamental é o Jornal de Parede, que é muito importante e a auto avaliação... eles se avaliarem é muito importante.”

Você falou da auto avaliação, mas como se dá o processo todo de avaliação em sua classe?

“O processo todo é como na Curumim. A gente avalia as atividades feitas pelo aluno no dia-a-dia e as lições de casa também têm um valor, eles fazem as provas, que também têm uma mensura, né. Então, eu tenho notas conceituais, as procedimentais e as atitudinais., que são as notas divididas aí, e depois eu fao uma média disso tudo. Então, não é só avaliado pela prova.”

Você trabalha com os complexos de interesse?

“Os complexos de interesse, normalmente, vem do geral da sala, eu não posso pegar o interesse individual de um aluno. A gente tem diversos exemplo. Como lá, um aluno tava discutindo uma vez... uns dois alunos tavam discutindo sobre uma moto que eles tinham comprado, e o interesse deles lá, como são adultos e trbalham a noite, é em adquirir um automóvel e ter algum bem né. E, aí a gente começou uma discussão sabendo quanto ele pagava naquela moto, como ele fez as prestações, quanto sairia se ele pagasse à vista, como é o juros composto, como é o juros simples, como cai numa regra de 3, como cai numa regra de 3 composta... E tudo isso foi puxado numa discussão que eu peguei num corredor entre dois alunos. Na hora que eu vi que aquele assunto inflamou, que todo mundo começava a discutir sobre aquilo, eu coloquei aquilo como início de conteúdo.

Se é uma discussão que não tem interesse nenhum, eu joga lá e eles ficam atoa, aí a gente manda pra frente e pega uma outra situação, até achar uma que dê interesse neles.”

Quantos alunos há em sua sala de aula?

“Eu tenho no mínimo 42 e no máximo 53. Eu tenho sala com 53 alunos no estado.”

Para você, o número de alunos por sala interfere no trabalho com a Pedagogia Freinet?

“Interfere, mas a experiência também conta um pouco. Posso dizer que é fundamental que você tenha calma na hora de trabalhar porque na Pedagogia Freinet a gente tem um canteiro de obras, né, e muitas vezes ela é um pouco barulhenta, mas isso não impede ver que eles estão trabalhando, porque você percebe quando a conversa é bagunça e quando a conversa é trabalho. E quando a conversa é trabalho, tem que ser bem aproveitada. E, a gente tem um combinado, e o combinado é que pra falar com nosso amigo a gente precisa ter um tom de voz agradável.”

Você tem parceiros em seu trabalho com a Pedagogia Freinet na escola onde você atua?

“Quando eu apresento a pedagogia freinet, antes dos outros professores começarem a pensar, eles já começam a arrumar um monte de problema, eles vão falando que não funciona por causa disso, disso, disso... mesmo não fazendo. Então, eles vão achando um monte de problema pra não usar. Tem professores lá que trabalham a 25, 26 anos lá com o mesmo projeto, a mesma coisa, a mesma prova... e eles não querem mudar. E aí quando você vem com uma inovação, eles falam que não vai dar certo. Na hora que você começa trabalhar e eles veem que a coisa funciona e os alunos começam a elogiar... aí alguns começam a entrar no ritmo.”

Para você, a falta de parceria atrapalha o trabalho com a Pedagogia Freinet?

“A falta de parceria atrapalha bastante, porque eu to desenvolvendo um projeto e na hora que entra outro professor, o projeto fica totalmente diferente. E quando a gente tem uma parceria de pedagogia, é o projeto do aluno, os professores vão se adaptar à ele, e aí o crescimento do aluno é gigante.”

Você tem apoio da equipe gestora em seu trabalho com a pedagogia Freinet?

“O apoio da equipe gestora eu até posso dizer que tenho sim, porque é aquele negocio né, se você não levar problema pra eles, eles não vão dar problema pra você. O meu trabalho na sala de aula flui legal, os alunos elogiam, os pais elogiam e a equipe gestora fica na dela.”

Mas quando eu preciso sair com os alunos pra fazer alguma coisa, eu tenho que assinar um termo de compromisso. Agora, esse termo de compromisso eu vejo que não é uma aprovação dela com meu trabalho.”

Você acredita que a infraestrutura influencia no trabalho com a Pedagogia Freinet?

“A infraestrutura pode até influencia sim. Pelo menos na escola estadual onde eu estou, tem uma infraestrutura bem legal, tem umas salas amplas, tem um lugar bem grande, um pátio legal. A gente tem um laboratório com 12 computadores que fica fechado lá, mas eu uso os computadores, sendo que eu tenho que assinar um termo de compromisso com a direção me responsabilizando pelos computadores. Então, se eu disser que a infraestrutura atrapalha a pedagogia freinet, posso dizer que atrapalha sim se não tiver uma infraestrutura boa, no caso aí, tem.”

Em sua opinião, como seus alunos reagem ao trabalho com a Pedagogia Freinet?

“Os alunos vêem isso como uma coisa muito bacana, porque a gente ta trabalhando de igual pra igual. E na hora que você trabalha de igual pra igual, você dá a oportunidade deles falarem, você dá a oportunidade dele se expor, dele falar das dificuldades dele, das qualidades dele, e também a gente respeita a posição de cada um. Então, na hora que você dá a liberdade pra eles, eles têm uma curiosidade gostosa, uma vontade de trabalhar.”

Em sua opinião, como os pais/responsáveis de seus alunos reagem ao trabalho com a Pedagogia Freinet?

“A reação dos pais eu acho que é muito bacana, porque na verdade eles não reconhecem como pedagogia freinet, acho que é o nível de cultura deles, pouca instrução né, então se eu falo pedagogia freinet eles nem entendem o que é isso. Mas eles me reconhecem como um professor diferente, que trabalha diferente, que tem um jeito legal de trabalhar, que os alunos elogiam muito e os pais ficam muito felizes.”

Para você, qual é o maior desafio no trabalho com a Pedagogia Freinet na Escola Pública?

“O maior desafio meu é fazer os professores da escola do estado acreditarem nessa pedagogia bonita. Acreditando nessa pedagogia, a escola inteira trabalhando no mesmo projeto, a gente vai fazer a coisa fluir melhor, e quem vai ganhar com isso são os alunos e a gente também, porque é uma troca muito bonita.

O meu maior projeto é fazer essa pedagogia freinet ter uma credibilidade boa dentro dessa escola.”

Qual a principal vantagem da pedagogia Freinet face aos métodos convencionais de ensino?

“Eu não posso dizer qual é a principal vantagem, eu digo que o método freinet é o método que respeita o outro, que respeita a opinião do aluno, que respeita a posição dele e que desperta interesse porque ele está sendo respeitado. Então, frente às outras a gente não tem nem como comparar, porque frente às outras é uma coisa de cima pra baixo, e já na pedagogia freinet a coisa é de igual pra igual. Entao não tem comparação você trabalhar de igual pra igual e de cima pra baixo.”

Entrevista 5

Qual é sua formação?

“Tenho licenciatura plena em História, pela Unicamp.”

Há quanto tempo você exerce a profissão de professor?

“Há 16 anos.”

Qual é a rede de ensino na qual você trabalha?

“Eu trabalho na rede Municipal de Valinhos”

Há quanto tempo você trabalha na rede pública de ensino?

“Há 16 anos.”

Qual é o grau de ensino no qual você leciona?

“Ensino fundamental II.”

Como você conheceu a Pedagogia Freinet?

“O primeiro contato foi através da indicação de uma amiga da obra ‘Para uma escola do povo’, de Célestin Freinet, logo no início da minha carreira. A prática da Pedagogia Freinet só conheci em 2002, quando comecei a trabalhar na Escola Curumim.”

Você participou de algum curso sobre a Pedagogia Freinet? Há quanto tempo?

“O primeiro curso do qual participei foi em 2002, o minicurso oferecido pela Escola Curumim. Depois participei de encontros regionais e nacionais e ministrei cursos também.”

Então, você procura se atualizar e continua estudando as propostas da Pedagogia Freinet com frequência?

“Sim, leio obras de Freinet constantemente e estudamos na equipe da Escola Curumim.”

Por que você escolheu trabalhar com a Pedagogia Freinet na escola pública?

“Nesta Pedagogia encontro os princípios e valores dos quais compartilho e vejo a minha atuação como professora se aproximar da concepção de humano e de mundo que defendo.”

Há quanto tempo você trabalha com a Pedagogia Freinet?

“Há 10 anos eu trabalho com a Pedagogia Freinet.”

Você costuma trocar informações, conhecimentos e práticas com outros professores freinet?

Sim, na equipe da Escola Curumim e por uma lista de discussão da Repef.

Com quais instrumentos da Pedagogia Freinet você trabalha?

“Atualmente texto livre, correspondência e roda de conversa. Já trabalhei em outros momentos com livro da vida e jornal de parede.”

Como se dá o processo de avaliação em sua classe?

“Procuro usar instrumentos diversificados que abordem diferentes habilidades. Também proponho auto avaliações com o estabelecimento de metas.”

Quantos alunos há em sua sala de aula?

“Tenho 9 turmas, que varia de 13 a 30 alunos.”

Para você, o número de alunos por sala interfere no trabalho com a Pedagogia Freinet?

“Sim, pois um número menor de alunos em sala possibilita um olhar e uma atenção mais individualizada e torna-se mais possível propor atividades diferenciadas com foco nas necessidades dos alunos. Embora, na somatória de alunos de todas as turmas o número continue muito alto.”

Você tem parceiros em seu trabalho com a Pedagogia Freinet na escola onde você atua?

“Não... não tenho!”

Para você, a falta de parceria atrapalha o trabalho com a Pedagogia Freinet?

“Sim e não. Sim porque a pedagogia Freinet cresce muito com a cooperação entre professores, inclusive Freinet pensou em formas de viabilizar essas colaborações. É muito rico aprender com o relato do outro, apresentar e conhecer outros pontos de vista, diferentes experiências. Não atrapalha a relação direta professor-aluno e a dinâmica da minha aula. A falta de parceria limita muito a possibilidade de pensar e construir outro modelo de escola/ educação. Alguns instrumentos da pedagogia ficam pouco expressivos, pois requerem apropriação coletiva que extrapola a aula, como o Jornal de Parede, por exemplo.”

Você tem apoio da equipe gestora em seu trabalho com a pedagogia Freinet?

“Sim, tenho.”

Você acredita que a infraestrutura influencia no trabalho com a Pedagogia Freinet?

“Sim, pois Freinet tem toda uma argumentação sobre as condições materiais que devem estar presentes para favorecer a transformação do ambiente da escola num canteiro de obras. O espaço físico da escola deve permitir a livre circulação e o uso de espaços outros que não seja só a sala de aula. Os materiais, ainda que simples e alternativos, devem ser variados para que permitam o desenvolvimento do potencial criativo e comunicador. O material também deve ser de fácil acesso ao aluno. Na escola pública essa infraestrutura é inexistente, não por falta de recursos financeiros, tão somente, mas principalmente pela resistência em manter a estrutura arcaica da escola.”

Em sua opinião, como seus alunos reagem ao trabalho com a Pedagogia Freinet?

“Reagem bem, se empolgam, percebem a nova relação que se estabelece, de respeito e não de poder e submissão. Há resistências, claro, mas a forma de lidar com elas também é diferente da escola tradicional.”

Em sua opinião, como os pais/responsáveis de seus alunos reagem ao trabalho com a Pedagogia Freinet?

“Não nomeio para as famílias como pedagogia Freinet. Penso que reagem bem e alguns reconhecem que é um trabalho diferente, uma postura diferente diante do aluno e do conhecimento.”

Para você, qual é o maior desafio no trabalho com a Pedagogia Freinet na Escola Pública?

Estabelecer parcerias e extrapolar o espaço da minha aula, alcançando uma vivência da pedagogia como proposta da escola. Também conseguir atuar num trabalho que parta do indivíduo, com tudo o que isso exige, para compartilhar no grupo, na coletividade, aprendendo a viver essa experiência também na interação com o outro.

Para você, qual a principal vantagem da pedagogia Freinet face aos métodos convencionais de ensino?

“A humanização das relações na escola. Saber reconhecer-se no outro, compreender que a essência nos aproxima. Essa humanização inclusive desvela o saber científico, pois aproxima e localiza o humano como produtor de conhecimento a partir da experiência do próprio aluno.”